

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

**FILOSOFIA E SMARTPHONE: USO DE APARELHOS MÓVEIS
PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Irzair Ciro Correa

Cuiabá – Mato Grosso
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

**FILOSOFIA E SMARTPHONE: USO DE APARELHOS MÓVEIS
PARA O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de pós Graduação Strictu Sensu, Mestrado Profissional em Filosofia na Universidade Federal de Mato Grosso, (Programa associado a Universidade Federal do Paraná/UFPR e Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Sob a orientação do Professor Dr. José Carlos Leite e Coorientadora: Professora Dr^a. Ana Graciela M. F. da Fonseca Voltolini

Cuiabá – Mato Grosso
2019

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

DEDICATÓRIA

A Zenaide minha esposa e companheira sempre, sou o que sou por sua causa.
Samuel e Samir meus filhos, por vocês ousei ir mais longe.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Dr. José Carlos Leite pela paciência e também por acreditar em mim.

A minha coorientadora Dra Ana Graciela M. F. da Fonseca Voltolini, coorientadora, pela ajuda de inestimável valor.

Ao coordenador do PROFFILO Dr Roberto Barros Freire sempre solícito em nos atender.

Aos professores Dr Ari Tank Brito, Dr Aristides Januário e Dr Lívio Wogel pela sabedoria em apontar os caminhos.

A professora Dr^a Aline Wendpap Nunes de Siqueira por aceitar fazer parte desse projeto.

Ao Governo do Estado de Mato Grosso que através da SEDUC me concedeu licença integral remunerada, proporcionando estabilidade financeira para desenvolver o projeto.

A Escola Estadual Dione Augusta S, Souza meu local de pesquisa.

RESUMO:

Este trabalho tem como proposta fazer a junção entre a tradição e a novidade, sendo que a filosofia representa a tradição e a tecnologia através do smartphone é a novidade. Compreendemos a necessidade desta pesquisa pelo fato da filosofia ser ensinada em sala aula para alunos que são conhecidos como nativos digitais conforme consta em Prenski (2001) e que de acordo com Serres (2010) o docente não é mais o detentor do saber, visto que os estudantes sabem por outros meios, aquilo que pretendemos ensinar-lhes em sala de aula. Assim propomos como objetivo encontrar meios de utilizar como ferramenta para ensino de filosofia o aparelho mais abundante, móvel, conectado e acessível que os estudantes têm sempre a mão: smartphone. O método utilizado para desenvolver esta pesquisa consiste em uma reflexão sobre a prática, ou seja, pensar em uma proposta metodológica que contribuísse para entender melhor o que já se fazia em sala de aula. Para isso contamos com o suporte teórico de Platão, (1965) Rousseau, (2004) Kant, (2003) para filosofia. Gallo, (2010) Severino, (2006) Cerletti, (2003) quando o assunto é ensino de filosofia. Vieira Pinto, (2005) Vegneon, (2008) Lévy, (2011) e Dusek (2006) para filosofia da tecnologia. E para a parte de tecnologia e ensino a fundamentação teórica se baseia em Voltolini (2016). Esperamos com isso encontrar meios para tornar o ensino de filosofia na escola pública mais atrativa para os alunos e mais fluida para os docentes estimulando a interatividade entre estudantes e docentes intermediada pelo smartphone.

Palavras chaves: filosofia, smartphone, ensino médio.

ABSTRACT

This work has as a proposal to combine tradition and novelty, being that philosophy represents tradition and technology through the smartphone is the novelty. We understand the need for this research because the philosophy is taught in classrooms for students who are known as digital natives according to Prenski (2001) and that according to Serres (2010) the teacher is no longer the holder of knowledge, since the students know by other means what we intend to teach them in the classroom. Thus we aim to find ways to use as a tool for teaching philosophy the most abundant, mobile, connected and accessible device that students always have at hand: smartphone. The method used to develop this research consists of a reflection on the practice, that is, thinking about a methodological proposal that would contribute to a better understanding of what was already done in the classroom. For this we rely on the theoretical support of Plato (1965) Rousseau (2004) Kant (2003) for philosophy. Gallo (2010) Severino (2006) Cerletti (2003) when the subject is teaching of philosophy. Vieira Pinto (2005) Vegneon (2008) Lévy (2011) Dusek (2006) for philosophy of technology and Voltolini (2016) for technology and teaching. We hope to find ways to make teaching philosophy in the public school more attractive to students and more fluid for teachers by stimulating interactivity between students and teachers mediated by the smartphone.

Key words: philosophy, smartphone, high school.

Sumário

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| Capítulo 1 | 16 |
| FILOSOFIA E ENSINO DE FILOSOFIA | 16 |
| Uma posição..... | 16 |
| 1.1 Platão..... | 22 |
| 1.2 <i>Rousseau</i> | 24 |
| 1.3 <i>Kant</i> | 27 |
| A possibilidade da experiência do pensamento | 31 |
| 1.4 A especificidade do ensino da filosofia | 32 |
| 1.5 A importância da filosofia para a formação humana | 36 |
| Capítulo 2..... | 45 |
| FILOSOFIA E TECNOLOGIA | 45 |
| 2.1 As tecnologias pensadas a partir de um prisma filosófico | 45 |
| 2.2 Um pouco de história: do desenvolvimento técnico á evolução tecnológica..... | 49 |
| 2.3 Análise filosófica da evolução tecnológica..... | 53 |
| 2.4 A emergência do “ <i>homo academicus</i> ” e o primado da ideias na constituição da riqueza. | 59 |
| Tecnologia e sociedade: a metáfora museu. (moldura) | 62 |
| 2.5 Tecnologia e sociedade: <i>Metáfora do hipertexto</i> | 64 |

| | |
|--|-----|
| 2.6 A Ecologia cognitiva e novos sujeitos do ciberespaço..... | 67 |
| 2.7 O sujeito planetário possibilitado pela tecnologia | 70 |
| CAPITULO 3 | 72 |
| TECNOLOGIA E ENSINO | 72 |
| 3.1 A relação da tecnologia com a escola. | 72 |
| 3.2 As tecnologias móveis e o ensino de filosofia..... | 78 |
| CAPÍTULO 4 | 90 |
| GUIA PARA UTILIZAÇÃO DE SMARTPHONE EM SALA DE AULA | 90 |
| 4.1 Vantagens..... | 92 |
| 4.2 Como Fazer | 94 |
| Considerações finais..... | 105 |
| Referências bibliográficas | 108 |

INTRODUÇÃO

Analisar todas as mudanças produzidas pela tecnologia na sociedade seria um trabalho extenso demais e certamente contraproducente, por isso esta pesquisa se restringe a análise dessas transformações dentro do contexto da educação formal fazendo menção a elementos da filosofia da técnica. Procurando entender como a tecnologia transforma o modo de ensinar e em que medida a tecnologia pode ser utilizada como uma ferramenta para facilitar o ensino.

Portanto, esta pesquisa é híbrida, tem um viés filosófico, mas com foco na educação, e se ocupará em analisar, a partir de um prisma filosófico, como a tecnologia altera as relações de saber estabelecidas pedagogicamente. Que lugar o professor – outrora detentor do saber – ocupa, quando o saber que ele deveria transmitir está disponível para todos?

Tendo como ponto de partida o ensino de filosofia no ensino médio esta pesquisa explorou como é possível usar tecnologia para potencializar o ensino e lança mão de um dos dispositivos mais populares e disseminados entre os jovens em idade escolar: *smartphones*. É preciso *smartphone* para ensinar filosofia? Não necessariamente. Mas, é possível usá-lo como um instrumento facilitador para o ensino da filosofia? Se for possível, qual seria o papel do *smartphone* nesse cenário? É o que esta pesquisa procura explicitar.

Filosofia e *smartphone* são no mínimo coisas antípodas. Não contraditórias ou inconciliáveis, mas dada as características de um e outro, são absolutamente distintos e distantes em sua constituição. Filosofia exige reflexão, maturidade, perenidade. Se funda sobre o rigor de argumentos sólidos e, quanto mais tempo um conceito sobrevive, mas ele se consolida como pensamento filosófico genuíno. Por outro lado, com o *smartphone* tudo é rápido, intuitivo, transitório, fugaz. É uma sucessão estonteante de novidades, de possibilidade de eventos simultâneos, caleidoscópicos. Paradoxal. A única constante é a mudança constante. Mas, cada um á seu modo, filosofia e *smartphone* fazem parte da vida das pessoas. Na vida da maioria das pessoas,

o smartphone é muito presente, uma realidade sempre a mão, ao passo que a filosofia como experiência do pensamento está um pouco mais distante do jovem em idade escolar, por isso essa junção é uma possibilidade instigadora. Meu desafio é usar o smartphone para ensinar filosofia.

Esta pesquisa não tem a finalidade de analisar a tecnologia ou as técnicas por conta da amplitude desse assunto, mas, refletir sobre alguns aspectos da tecnologia, mais notadamente, aquelas com acesso a redes sociais, disponíveis em dispositivos móveis, em particular smartphone, com o intuito de usá-lo como ferramenta para facilitar o ensino de filosofia nas escolas públicas que oferecem a disciplina no currículo do ensino médio.

A investigação sobre o assunto foi desenvolvida em quatro partes, sendo que no primeiro capítulo será demonstrada a pertinência e a importância da filosofia tanto para a formação humana como para emancipação, a filosofia aparece como possibilitadora da experiência do pensamento fundamentada em autores da tradição filosófica como Kant, Hegel, Platão, e Rousseau, bem como em estudiosos do ensino de filosofia na contemporaneidade dentre os quais destaco Severino, Gallo, Kohan, Larrosa e Cerletti. Será levada em conta também a importância dessa disciplina para o aluno de ensino médio da escola pública. Neste capítulo também aparece a concepção de filosofia e seu ensino do autor desta pesquisa. Que filosofia será defendida ou adotada, lembrando que essa posição é apenas uma escolha que não se deve abster de fazer e não a filosofia considerada como a certa ou a melhor das filosofias.

No segundo capítulo será demonstrado como pensadores da área de filosofia pensam as tecnologias presentes em todos os segmentos da sociedade possibilitando a emergência de novas subjetividades e formas de cognição através da inteligência coletiva. Reflete também sobre a técnica como algo inerente à vida do homem, buscando nesse quesito fundamento nos escritos de Álvaro Vieira Pinto, Pierre Lévy entre outros que refletem filosoficamente sobre a tecnologia.

O terceiro capítulo investiga como a tecnologia transforma as relações de saber no campo do ensino de filosofia para alunos de ensino médio de escolas públicas e as novas possibilidades que ela disponibiliza para os docentes dessa área sem se esquecer dos riscos inerentes a essa experiência. Neste capítulo contaremos com ajuda de Serres e de alguns artigos publicados em revistas especializadas.

O quarto capítulo demonstra como confeccionar um guia para docentes de filosofia que atuam no ensino médio indicando algumas maneiras viáveis de utilizar os recursos tecnológicos disponíveis em dispositivos móveis para facilitar o ensino dessa disciplina. Levando em conta que o tempo disponibilizado para a disciplina de filosofia no currículo do ensino médio é de apenas uma aula de 50 minutos por semana, o aplicativo móvel será utilizado como uma alternativa para driblar o tempo e se possível discutir alguns conceitos aportados pela filosofia.

Este trabalho enfrenta dificuldades típicas de produções acadêmicas, pois exige-se que seja rigoroso e bem fundamentado na tradição, nada se pode dizer ou fazer sem que demonstre quem foi o autor da ideia em sua origem ou pelo que se está evocando na ocasião para dar sustentação à sentença, sob pena de estar cometendo plágio. Não obstante essa prerrogativa, há também a necessidade de avançar em direção ao novo ou pode acontecer de ficar apenas repetindo o que já foi dito por outros, e como sempre quando isso acontece dizemos de forma canhestra o que já foi dito com maestria.

Neste caso quando se trata de ensino de filosofia no ensino médio já se conta com uma considerável produção de bons artigos e livros de estudiosos dedicados e atuantes tanto na área específica do ensino médio como pesquisadores de longa data sobre a questão. O que ocorre é que quando se quer falar de ensino de filosofia no ensino médio no Brasil seja na escola pública ou privada, há sempre que recorrer a Gallo, Kohan, Cerletti, Paviani, Severino entre outros. Porque o que eles já fizeram em termos de pesquisa e reflexão sobre o ensino de filosofia e sua importância não pode e não deve simplesmente ser ignorados, dado a sua profundidade, ignorar seria “inventar a

roda”. Mencionar seria como uma confissão pública de que não se avança nesse assunto. O que se pode fazer é utilizar o que eles já fizeram, “como subir em ombros de gigantes para enxergar mais longe” e, para, além disso, acrescentar o toque pessoal, que seria a experiência como docente junto com as peculiaridades do local de atuação.

Mas parece que não há nenhum crime em ser recorrente visto que os próprios autores citados são considerados no âmbito do ensino de filosofia como precursores e alguém a quem se pode e deve ser usado como referência. Aliás, eles mesmos não conseguem escapar de alguns figurões da tradição filosófica e invariavelmente para fundamentar suas reflexões recorrem a Kant, Hegel e Deleuze. Se a eles é facultado fazê-lo, não é errado pensar que a outros também é permitido, utilizando-se, neste caso, deles.

O valor da tradição com seu legado para a filosofia não é desprezado pelos baluartes da produção acadêmica sobre o ensino de filosofia no Brasil. Deleuze e Guattari (1992) tem seu lugar no panteão como o filósofo que indica que para ser filósofo ou para se ter uma experiência com pensamento filosófico é preciso criar conceitos, mas não há um céu para os conceitos, é preciso fabricá-los. Criar conceitos é quase uma unanimidade entre os docentes, quando se trata de definir a finalidade da filosofia.

A maioria dos autores consultados nesta obra, concordam que, o ensino da filosofia tem sua especificidade e por isso necessita de uma didática específica, vários deles concordam também sobre o método, mas há divergência entre eles quando se trata de qual filosofia deve ser utilizada e qual seria abordagem adequada. Será pelo viés da História da Filosofia apresentando grandes nomes e seus feitos enquanto filósofos? Seria a partir de temas de grande relevância como Ética, Política, Ser, Homem, Trabalho, Cultura, entre outros? Ou a abordagem será feita através de um problema. Dado um tema problematiza-se sobre o mesmo a partir de pressupostos filosóficos.

Deve-se resolver um problema tendo como ponto de partida algum pressuposto filosófico ou os pressupostos filosóficos dão origem a problemas que ficarão em aberto para posteriores deliberações? Enfim sobre esse assunto há uma vasta literatura tais como a de Silvio Gallo, Walter Kohan, Antonio Joaquim Severino, Evandro Ghedin, Alejandro Cerletti, Salma Tanus Muchail, Lidia Maria Rodrigo, cuja tônica gira em torno da filosofia em sala de aula, e que fornece bastante opção para refletirmos sobre o assunto.

Mas o contraponto da pesquisa ou complemento dela sofre pela carência de publicações. Não são muitos ainda – pelo menos não tanto quanto sobre filosofia em sala de aula – os que se aventuram a refletir filosoficamente sobre os efeitos da tecnologia na sociedade tendo como ponto de partida ou fundamentação os pressupostos filosóficos. Pensar a tecnologia como um elemento bastante difundido, inovador, transformador -e gerador de novas subjetividades e cognições- com rigor filosófico não se encontra com facilidade, mas também não é totalmente impossível e de fato encontramos autores como Feenberg, Val Dusek entre outros que já desenvolveram trabalhos sobre a tecnologia a partir dos elementos apontados.

O que se pretende fazer é a junção de filosofia e tecnologia. A primeira é vista como algo duradouro e perene, conforme Platão no diálogo denominado Fédon, ali defende que só as idéias bem concatenadas permanecem como seres inteligíveis, e as coisas sensíveis perecem infalivelmente. Por seu lado a tecnologia, não obstante sua constante permanência entre os homens, é marcada por mudanças constantes, há sempre algo de novo para se apreciar e a novidade é a tônica predominante também é a característica mais desejada desse mundo conhecido como era informacional.

Sobre o uso de smartphone como ferramenta para auxiliar o processo de ensino na educação formal, há disponibilidade de texto suficiente para fundamentar nossa reflexão, trabalhos produzidos em nível de mestrado ou doutorado e livros publicados, ou seja, é um caminho pelo qual alguns estudiosos já se aventuraram.

Capítulo 1

FILOSOFIA E ENSINO DE FILOSOFIA

Uma posição

Seria adequado definir o lugar da minha fala bem como, por exemplo, que Filosofia será defendida ou exposta, e acima de tudo explicitar que este é um trabalho híbrido, pois flerta com vários macros campos, entre eles destaco a filosofia e a educação. A filosofia tem várias vertentes e para empreender um trabalho filosófico, urge primeiramente definir, ainda que de forma arbitrária, a parte da filosofia que se quer ou se pretende trabalhar.

Na Antiguidade, por exemplo, pode se falar em pré-socráticos, mas obviamente que fica bem mais difícil falar da história da Filosofia Antiga sem mencionar as grandes dicotomias como o Devir de Heráclito e o Ser de Parmênides, temos também a díade ainda não superada pelos filósofos que consiste no Realismo de Aristóteles e o Idealismo defendido por Platão.

Só a título de ilustração esses autores ou idéias filosóficas dos períodos referidos dariam para compor tratados e mais tratados, e como já dizia Caetano Veloso (1997) “encher de vãs palavras muitas páginas e de mais confusão as prateleiras.” Falo isso lembrando que até agora mencionei apenas um campo de pesquisa que este trabalho irá explorar que é a filosofia, ainda não mencionei o outro campo que é a Educação, mas dentro desse campo de pesquisa, o meu enfoque é o ensino tendo como ferramenta a tecnologia, mais especificamente o smartphone.

Educação é um campo vasto, com várias subáreas que no momento não é conveniente nomear todas, mas apenas citar a vertente que pretendo analisar para dar ensejo a minha reflexão que é o ensino. Com este trabalho pretendo analisar a filosofia e seu ensino não só a partir do ponto de vista pedagógico, mas também a partir desse ponto de vista, é claro, mas ênfase deve recair sobre o filosófico. Então, o que pretendo fazer nesta primeira parte

é uma análise filosófica do ensino de filosofia no ensino médio, dentro de um novo campo de estudo denominado filosofia do ensino filosófico.

A definição de filosofia adotada aqui é tomada de empréstimo de Saviani (1996) segundo o qual filosofia é um saber radical, rigoroso e de conjunto. Radical porque quando se pensa filosoficamente deve-se buscar a raiz do problema sobre o qual se pretende refletir e buscar seus fundamentos. Deve-se proceder de forma rigorosa para garantir a primeira exigência e, debelando com isso as conclusões apressadas da sabedoria popular. E por fim, o pensamento filosófico não deve ser exercido de forma parcial, “mas numa perspectiva de conjunto, relacionando-se o aspecto em questão com os demais aspectos do contexto em que está inserido”. (1996, p. 16). Pensar algo de forma rigorosa, profunda e abrangente essa é uma das facetas do saber filosófico.

É possível acrescentar mais itens que se somaria e enriqueceria as outras categorizações já mencionadas, por exemplo, Abbagnano (2007) no verbete sobre Filosofia cita que Platão dizia no Eutidemo que a filosofia é “uso do saber em proveito do homem”, e em suas ponderações fica explicitado que a filosofia deveria também ter sua finalidade senão imediata, no mínimo prática, pois de nada valeria ter a ciência que tornasse imortal a quem não soubesse se utilizar da imortalidade. Decorre daí que a filosofia deve ser posse de um saber que fosse, ao mesmo tempo, o mais amplo e o mais válido possível.

Essa definição de Platão, de acordo com Abbagnano (2007) tem ressonância na maioria dos grandes autores da tradição filosófica que se segue e para referendar ele cita autores como Descartes, Hobbes, Kant e Dewey. Ou seja, o entendimento de que a Filosofia deve ser um saber amplo e válido e usado em benefício do homem atravessa a história da filosofia fundamentando diferentes sistemas filosóficos.

Ainda sobre a explicitação do que é a filosofia Adorno (2010) explica que os candidatos a professores de filosofia no sistema educativo alemão deveriam fazer uma prova onde uma das tarefas do postulante ao cargo seria demonstrar

que “aprendeu os conceitos fundamentais do filósofo que estudou e que compreende as transformações históricas do mesmo”. (2010, p. 60) Parece estar evidenciado aqui que o saber filosófico se constitui a partir de problemas amplos e em consequência disso deve ser analisado a partir de uma perspectiva que contemple não só o conjunto, mas também na influência de um autor sobre o assunto e no devir daquela idéia dentro de um sistema ou como ele atravessa vários sistemas.

Acima está esboçada uma definição do que é a filosofia, agora seria o caso tentar defini-la pelo que ela não é. De acordo com Gallo (2012) a filosofia não é nem contemplação, nem reflexão, nem comunicação.

Não é contemplação porque “mesmo dinâmica não é criativa”, ao se dedicar a contemplar algo, pressupõe um elemento preexistente que independe do ato de contemplar e isso não tem nada a ver com a criação de conceitos. Contrariando Habermas e sua teoria da razão comunicativa a filosofia não pode ser comunicação, porque a comunicação visa apenas ao consenso e nunca o conceito; e o conceito na maioria das vezes é mais dissenso que consenso. Também não pode ser reflexão porque isso não é uma característica específica da atividade filosófica, qualquer um pode refletir sobre qualquer coisa (não só o filósofo) sem indicar que isso seja um exercício filosófico.

Pelo sim e pelo não podemos definir a filosofia de várias formas, entretanto, urge escolher uma concepção por mais ampla e de conjunto que deve ser o saber filosófico somos sempre forçados a tomada de posição sobre esta ou aquela vertente, a que mais nos apetece no momento ou aquela que é mais conveniente face à determinada conjuntura.

Mas a filosofia é acima de tudo “uma arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, (.....) mais rigorosamente é a disciplina que consiste em criar conceitos”. (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p. 13) a principal característica distintiva da filosofia consiste no fato de que ela trabalha com conceitos, não apenas com conceitos dado, pronto e acabado, mas trabalha na criação desses conceitos.

Diante de tal conjuntura sobre os pressupostos do saber filosófico podemos afirmar que a filosofia que trabalha com conceitos, que cria conceitos é também um saber conceitual, pois é sempre produto do pensamento, mais que isso: é uma experiência do pensamento, que, no entanto, se diferencia da arte e da ciência. De acordo com Gallo (2011) o saber filosófico apresenta em sua estrutura um caráter dialógico, visto que não se fecha em si mesmo, mas dialoga com outras formas de saberes, dá ensejo, porém, para uma postura crítica diante da realidade.

Quanto ao ensino entendo que seja necessário também fornecer, se não um significado pelo menos uma breve noção da vertente que este trabalho adota sobre ensino. Embora o aprendizado não esteja dissociado do ensino, fica subentendido que o aprendizado seja outra dimensão da pedagogia, da qual esta pesquisa não se ocupará, tendo em vista que alguém pode dedicar-se à prática do ensino com afinco e muito profissionalismo, mas, se os estudantes irão aprender alguma coisa é algo bem diferente quase impossível de verificar objetivamente.

Parece que o ensino não era uma preocupação dos compiladores de dicionários de filosofia, pelo menos para os autores que publicaram suas obras antes da década de 1990. Abbagnano, Japiassu, Ferrater Mora, mesmo em língua espanhola o Akal, não contam em seus trabalhos com os verbetes “ensino” nem “didática”, já os termos “método” e “metodologia” aparece em todos eles.

Isso está sendo dito, pelo fato de que, para se ensinar, é preciso, sem sombra de dúvida, de uma didática e de um método. Afirmando que ensino é transferência de conhecimento, de informação, instrução, e/ou transmissão de princípios que regulam a conduta humana e vida em sociedade e por conta dessas características necessita de formas adequadas para alcançar tais objetivos. Então entra em cena a didática que tem sua definição mais geral em Comenius, o educador tcheco, que diz que didática é a “arte de ensinar tudo a todos”. Enquanto o método é procedimento, técnica ou meio de desenvolver alguma coisa, um processo organizado e sistemático de pesquisa, um caminho

para se chegar ao objetivo. Para que o ensino aconteça é indispensável a junção desses elementos: didática adequada e método conveniente torna possível o ensino. Falando de forma geral para se ensinar tudo a todos, mas e quando se trata do ensino de filosofia?

A filosofia pode ser ensinada como qualquer outra disciplina visto que ela é um saber ensinável, e pode ser entendida e usada como tática de resistência no contexto de uma educação maior. Se os documentos oficiais dizem que a filosofia é importante no ensino médio porque consolida a participação do cidadão no Estado democrático de direito, entende-se que a exigência da participação de todos os cidadãos nesse processo facilita o controle, ao passo que aqueles que estão excluídos da cidadania e da democracia também estão fora do controle estabelecido pelo sistema.

Ensinar filosofia como tática de resistência e no contexto de uma educação menor de acordo com Gallo (2010) seria então o fato de que ainda que o sistema ordene que a filosofia tenha um papel a cumprir isso seja feito de forma que os educandos sejam inseridos no processo democrático, mas, armado com os recursos oferecidos pela filosofia para resistir ao adestramento imposto pelo sistema.

Diante dessa situação quando se trata do ensino de filosofia é necessário que o docente tenha clareza sobre as escolhas, sobretudo que filosofia ele apresentará aos alunos. Lembrando que a filosofia que ele escolher significa apenas uma escolha, não representa nem a única filosofia, nem a melhor filosofia e, muito menos toda a filosofia.

Não é a única filosofia pelo simples fato de que a maioria dos autores da tradição filosófica da contemporaneidade admite que não há “Filosofia”, mas, filosofias, são tantas vertentes e tantos pontos de vista díspares que Descartes (1962) chegou a afirmar que a filosofia é única disciplina na qual não há consenso. E, para, além disso, a filosofia ainda está em construção, cada vez que se reflete rigorosamente e é composto um artigo ou um texto com sistematicidade, coerência e lógica interna utilizando-se de conceitos,

problematizando sobre algo que leva a experiência do pensamento, a filosofia está sendo feita, construída, alterada, acrescida.

Não é a melhor filosofia porque felizmente essa é a disciplina mais plurívoca que existe, e consiste na tomada de posição. Se alguém toma posição na trincheira significa que sempre haverá alguém do lado de lá. Veja que para os idealistas o realismo é uma corrupção. Para os empiristas, o inatismo expõe a ingenuidade humana, pois “nada há no intelecto que não tenha passado pelos sentidos”. Para os existencialistas aqueles que defendem que há uma natureza humana laboram em erro e, para aqueles que defendem que toda idéia perfeita procede de Deus nega que o homem é mestre do seu destino, bandeira maior do humanismo. Dito isso, não seria exagero afirmar que não há filosofia boa nem ruim nem neutra, há filosofias e escolhemos uma ou outra de acordo com nossa conveniência.

Mas não se iludam aqueles que acham que, como não há filosofia boa ou ruim depende da escolha, qualquer coisa é filosofia ou tudo é filosofia. Filosofia exige tomada de posição e por isso mesmo é um saber rigoroso e dotado de lógica e coerência interna. Não se pode afirmar que escolhi a melhor filosofia assim como não se pode afirmar que tudo é filosofia. O docente deve correr o risco de tentar não ser dogmático, nem relativista.

Nem a única nem a melhor e muito menos toda a filosofia. Talvez algum fanfarrão possa tentar afirmar que única filosofia válida é a que ele ensina, ou mesmo que ele ensina a melhor filosofia. Mas, se estamos diante de impossibilidade real é a de afirmar que ensinamos toda a filosofia. Não há quem possa dar conta de todos os sistemas filosóficos, nem mesmo como dizia Nietzsche na obra *Ecce Homo*, de “cinquenta sistemas e cinqüenta refutações”. Vemos e aprendemos apenas partes de filosofias esparsas. Urge fazer escolhas, pois ensinar filosofia é tomar posição.

De acordo com Gallo (2010) há quatro coisas que um professor de filosofia não pode esconder dos seus alunos.

A primeira é que não há filosofia, mas filosofias e acima de tudo filosofar;

Em seguida que a filosofia não é interessante por que a ela se dedicaram talentos extraordinários como Aristóteles e Kant, mas esses talentos nos interessam porque eles se dedicaram a essas questões de amplo alcance e que são importantes para a vida humana racional e civilizada.

Terceiro é como dizia Descartes (1962) que as melhores almas são capazes dos piores vícios, os maiores filósofos disseram absurdos notórios e cometeram erros gravíssimos porque quem mais se arrisca pensar fora dos caminhos intelectualmente trilhados mais riscos correm de se equivocar, mas isso deve ser entendido como um elogio e não como uma censura.

E por fim em algumas questões extremamente gerais aprender a perguntar é também aprender a desconfiar de respostas demasiada taxativas, ou seja, para qualquer sistema filosófico cabe contestação.

A filosofia é um saber ensinável e de acordo com suas condições de transmissibilidade será possível identificar que autores reverenciados na tradição filosófica escreveram obras que hoje são lidos tanto como tratado de educação quanto como tratado filosófico. Algumas podem ser lidas como tratados de política, mas não é o caso aqui, quando pretendo demonstrar que este trabalho pesquisa a importância da filosofia para a educação e que seu ensino é recomendado desde tempos imemoriais como defende Platão.

1.1 Platão

Platão não diferencia filosofia e educação como campos distintos de conhecimentos, subentendem-se de suas obras que se educava filosofando e filosofava-se educando. Isso está bem explícito na obra “A República” onde ele pretende fundar uma cidade que seja perfeita, ainda que essa cidade não exista, nunca existiu e muito provavelmente nunca existirá. Mas ao pensar como seria constituída essa cidade Platão dá a educação dos homens e mulheres que irão habitá-la ênfase considerável com destaque para a Alegoria da caverna no livro VII.

A alegoria descreve homens que sempre viveram em uma caverna dentro da qual eram projetadas sombras que se moviam e era possível ouvir vozes, na verdade sons indistintos, e esses homens, habitantes de caverna, tomavam essas imagens e sons indistintos como a única realidade existente e possível. Os habitantes dessa caverna vivem na mais completa ignorância acerca da realidade existente no mundo exterior e se o deixarem, permanecerão lá, pois estão satisfeitos com a situação. Mas pode ocorrer “que se separe um desses prisioneiros, que o **forcem**¹ a levantar-se imediatamente, a volver o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos a luz” (PLATÃO, 1965. 515 a–d). Dá a entender que é necessário fazer violência ao homem que está sendo educado. Ele é **forçado**. Mesmo que se diga em outra parte que “as lições que se introduzem á força na alma não permanece nela, de forma alguma” (536 b- 537 a) seguido de uma recomendação de ludicidade “não use de violência na educação dos filhos, mas procede de modo que se instruem brincando” (537 a-d) com o habitante da caverna parece que necessita de uma abordagem mais direta e abrupta dispensando as sutilezas das propostas da educação convencional.

Depreende-se daí que o homem forçado a levantar, ficar ereto, erguer os olhos para a luz só pode fazer tudo isso se for educado para tal tarefa, do contrário não encontraria motivação e permaneceria como os outros na mais doce ignorância. Iniciado o processo de educação o homem educado deve cumprir seu dever decorrente do privilegio que lhe é concedido. Aquele que viu a luz quer e tem o dever de voltar e comunicar aos seus que há outra dimensão. O iluminado sofre de novo. Sofreu quando foi forçado a subir e a luz ofuscou seus olhos e sofre agora com o retorno á penumbra.

Independente do desfecho da alegoria da caverna, o intuito é fazer recair a ênfase desta investigação sobre o que Platão disse sobre a educação em sua obra A República e a importância do seu papel na constituição da cidade pensada para ser perfeita. Essa cidade precisava de pessoas bem educadas, senão devido aos crimes e ao modo de vida desregradas, multiplicarão os

¹ Grifo meu.

tribunais e os médicos e Platão é categórico em afirmar que não “existe maior prova do vício e da baixeza da educação do que a precisão de médicos e juízes hábeis” (PLATÃO 404 d- 405 d).

A educação é na concepção de Platão o principal fator para diminuir as injustiças visto que “a educação e a instrução honesta e preservada de toda a alteração criam boas índoles (...) e índoles honestas, tendo recebido semelhante educação, tornam-se melhores do que aqueles que o precederam” (PLATÃO: 423 d - 424b). Encontramos aqui o ideal de Educação de Platão para sua cidade pensada para ser perfeita, que em um esforço contínuo os homens se tornem cada vez melhores através da educação.

A educação é importante para constituir homens livres visto que “um homem mal educado é escravo de si mesmo” (430 e - 431 d), mas não obstante sua importância salutar e imprescindível a educação não faz milagres, pois ela não dá “a visão aos olhos dos cegos, mas ver bem aqueles que já enxergam” (518 c- 519 a), a educação é algo diretivo que potencializa os talentos, pois não basta ver, é preciso ver bem. Platão deixa evidente a importância da educação na constituição de seres humanos que pretendem ser completos e justos.

1.2 Rousseau

Rousseau (1995) fala sobre Platão, pelo menos da obra “A República”, em termos elogiosos quando recomenda aos seus possíveis leitores:

Quereis ter uma idéia da educação pública, lede a República de Platão. Não se trata de uma obra de política, como pensam os que julgam os livros pelos títulos: é o mais belo tratado de educação que jamais se escreveu. (ROUSSEAU, 1995: p. 14)

A julgar pela vitalidade da obra de Platão, Rousseau tinha razão, ela sobreviveu ao tempo atravessando gerações, e ainda o é, nos tempos hodiernos, um tratado de educação que não pode ser ignorado pelos estudiosos. É certo também que Rousseau (1995) não dava sua anuência irrestrita a Platão visto que mais a frente ele o critica dizendo que:

Na sua República dá às mulheres os mesmos exercícios que aos homens. Tendo tirado de seu governo as famílias particulares, e não sabendo mais que fazer das mulheres, viu-se forçado a transformá-las em homens (ROUSSEAU 1995 p. 430).

Rousseau viveu em tempos diferentes, e abordou a questão da educação a partir de um foco diferente, pois se preocupa não em constituir uma cidade perfeita através da educação, mas cuida de um aluno apenas e se esforça para que a sua educação fosse a tal ponto esmerada que nada deixasse a desejar. Mas, assim como a cidade de Platão era imaginária e conseqüentemente ideal, o Emilio de Rousseau também é imaginário e não menos idealizado. O Emilio podia ser pensado sem contradição e era um aluno possível, mas em potência, não existia em ato.

Mas a educação dele foi pensada desde a mais tenra infância, ainda em cueiros já havia procedimentos previstos para o Emilio. Não lhe deviam tolher os movimentos senão “de medo que os corpos se deformem com movimentos livres apressam-se em deformá-los imprensando-os. Torná-los-iam de bom grado paralíticos, a fim de impedi-los de se estropiarem”. (p. 18)

Rousseau acreditava piamente que uma boa educação faz toda a diferença por isso queria ele mesmo cuidar de todos os detalhes da educação do seu eleito, como já dito acima, desde a mais tenra infância até o momento em que ele encontrasse Sofia sua alma gêmea.

O genebrino entendia que para ter uma boa educação não bastava ter bons alunos, urge que se tenha antes, bons educadores, pois em sua fala afirma categoricamente que “Como pode ocorrer que uma criança seja bem educada por quem não o foi ele próprio?” (1995 p. 26).

Em sua proposta de educação Rousseau não pensa apenas no aspecto formal do ensino, mas na formação de caráter do cidadão destinado ao convívio social também, ao asseverar que se quiser desgraçar seu filho dê tudo a ele (p. 71). Enfim, Rousseau dedicou seu tempo escrevendo um tratado pedagógico que, se não está inserido entre os grandes, certamente não se encontra entre os desprezíveis e demonstra *pari passu* como se deve proceder

para educar crianças para a liberdade e responsabilidade, um sujeito moral consciente de seus direitos e deveres.

E em seu tratado não se esquece de ensinar a modéstia tanto para um provável mestre quanto para o aluno ao afirmar que “ninguém se perde pelo que não sabe e sim pelo que pensa saber”, (1995, p.174) evidenciando que toda educação é dialógica e não se pode prescindir de um mediador e tal mediador mais que um homem de discurso deve ser alguém de ação, pois “é preciso falar tanto quanto possível pelas ações e só dizer o que não se pode fazer”. (1995 p. 196)

Certamente Rousseau entendia a educação como um modo de vida que deveria ser levado rigorosamente a sério, pois esta sendo boa pode significar a diferença entre uma vida que vale a pena ou não, em todo caso ele afirma peremptoriamente

Que examinem bem a constituição do homem, que acompanhem os primeiros desenvolvimentos do coração em tais ou quais circunstâncias, a fim de ver quanto um indivíduo pode diferenciar-se de outro pela força da educação. (ROUSSEAU. 1995: p. 290)

Não importa se é para uma cidade toda que tem a possibilidade de ser justa pela força da educação, não importa se é apenas para um indivíduo, a educação pode transformar o homem, mais do que isso, é apenas pela educação que um homem realmente se faz homem e Rousseau estava ciente disso do contrário ele não afirmaria que “eu é que sou o verdadeiro pai de Emílio, eu fui quem o fez homem” (1995 p. 488)

Platão pensava sua cidade bem-educada tendo em vista o Bem em si que poderia ser alcançado através da ação, da prática de atos justos que foram ensinados e conseqüentemente apreendidos, pois o médico deve conhecer as moléstias apenas pela ciência sem jamais ter sentido em seu corpo o que ele pretende curar. Assim também um bom juiz deve conhecer a injustiça apenas pela ciência e nunca pela experiência do contrário como corrigiria isso em outras pessoas. (PLATÃO. 1965: 408 e - 409 e).

Ao passo que Rousseau pensa em seu projeto como tornar uma criança em homem que habitará na sociedade e permanecer íntegro. Isso não é uma tarefa fácil, na verdade é a “parte mais importante e mais difícil de toda a educação, a saber, a crise de passagem da infância à condição de homem”. (1995: p. 499) entender a criança como criança e deixá-los agir e interagir com as coisas de criança, pois logo ele virá a ser homem e então, mais só então, deverá agir como homem, pois finalmente ele terá autonomia.

1.3 Kant

Kant pensa o homem tendo em vista sua autonomia. É importante em sua concepção que o homem tome suas atitudes baseada em princípios que derivem de sua própria razão (autonomia) e não de outrem, que o homem não transfira seu direito de fazê-lo a um elemento externo (heteronomia) por preguiça ou comodidade.

“O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação e o trato), a disciplina e a instrução com a formação.” (KANT. 1996; p. 11). Essa criatura frágil necessita de cuidados, de outra forma ela se tornará forte, quando infante não se pode ser forte senão destrói a si próprio. É um imperativo da natureza das coisas, visando sua própria conservação que em seus primeiros dias de vida, o homem seja fraco e incapaz e tendo necessidade de ser tratado e protegido.

Além do cuidado essa criatura que deve se tornar humano precisa de disciplina senão ela permanece em sua animalidade. Daí a afirmação que:

Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto: quem não tem disciplina ou educação é um selvagem. A falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina. (KANT. 1996; p. 16)

Cada coisa deve ser aplicada no tempo certo primeiro se tem cuidado, depois vem a disciplina e só então o homem deve ser instruído para a formação, para “vir a ser”, é isso que um bom projeto de educação deve conter: a possibilidade de atualizar aquilo que está em potência dentro do homem

direcionando-os para um propósito mais nobre, ver o próximo como o Outro, mas não como um meio para determinado fim.

Kant entende a educação como fator preponderante para a constituição da humanidade a ponto de afirmar que “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação” (KANT. 1996; p. 15). O homem deve ser educado para agir moralmente visando com isso diminuir a maldade que lhe é típica, maldade esta que deve ser contida como um rio, não devendo levar em conta apenas a supressão da negatividade latente e inerente ao homem, mas, também reforçando aspectos positivos da vida que é a possibilidade do homem ser feliz. (id IBID p. 17).

Cabe observar que nenhum projeto educacional se realiza com facilidade, todos demandam esforços contínuos e o preparo para ver os esforços malogrados. É preciso tempo, investimentos e discernimento, afinal, o objeto sobre o qual se investe é também o sujeito da empreitada, sendo, portanto, dotado de vontade que deve ser respeitada. Nesse aspecto Kant afirma que “educação é o maior e mais árduo problema que pode ser proposto aos homens” (p. 20) e dada á sua natureza “o projeto de uma teoria da educação é um ideal muito nobre e não faz mal que não possamos realizá-la” (id IBID p. 17).

O sujeito que está sendo educado deve ser respeitado exatamente por ser portador de subjetividade e pode ocorrer que na ânsia de educar esta se torne mecânica e tecnicista, não levando em consideração outros aspectos da humanidade que não pode de forma alguma ser negligenciada sem correr o risco de aumentar a maldade entre os homens, pois além de instruí-lo para dominar as teorias científicas deve-se dotá-lo de moralidade e sabedoria (id IBID p. 28) e isso não pode ser adquirido por meio das disciplinas técnicas.

Há sempre também o risco de projetos educacionais incorrerem na mera repetição e transmissão de saberes transferidos de forma irrefletidas, sem produzir nos educandos o despertar de sua consciência, isso acontece quando a transmissão de conteúdo que não se refere ao cotidiano do aprendiz e de

nenhuma maneira conduz à experiência. Não se constrói um projeto partindo do zero e de uma só vez, é preciso empregar elementos de outras gerações e aperfeiçoá-los, mas, cada geração tem suas próprias necessidades, cada geração tem suas peculiaridades que devem ser identificadas e consideradas.

Embora o saber filosófico seja algo ensinável e transmissível, a mera transmissão de saber não garante que o homem seja educado, adestrado talvez, mas, não é para adestrar homens, que se engendram projetos educacional, e, neste aspecto Kant foi bem específico ao afirmar que “treinam-se cães e cavalos; e também o homem pode ser treinado. (...), entretanto, não é suficiente treinar as crianças; urge que aprendam a pensar” (KANT. 1996; p. 27).

Surgem então as dificuldades. Ensinar pensamentos ou ensinar pensar. Filosofia ou filosofar. Como ensinar algo para quem está impossibilitado de aprender pela própria natureza, visto que ainda estão na imaturidade. Pensar exige tempo, requer a posse de cabedal cultural, pensar filosoficamente então, para o jovem cuja característica predominante é a tagarelice se constitui um obstáculo quase intransponível. Mas, esta é uma dificuldade que não se pode evitar. Porém, é uma dificuldade que se pode contornar, basta seguir o “progresso natural do conhecimento” do educando, recorrendo primeiro à sensação, que o educando já traz consigo, que possibilita através da experiência chegar a juízos intuitivos e por meio destes a conceitos que são colocados pela razão. (KANT. 2003).

Ainda resta saber se é possível ensinar Filosofia ou apenas filosofias, ou seja, ensina-se apenas a filosofar. Estamos diante de uma das grandes dicotomias da tradição filosófica colocando em campos antagônicos dois de seus grandes expoentes: Kant e Hegel. Cada um defende com argumentos sólidos seu ponto de vista gerando o que se chama em filosofia de “nexo apoiético”: quando dois argumentos sobre o mesmo problema são contrários, porém válidos e dotados de valor no sentido lógico.

Kant afirma que não é possível ensinar Filosofia, pois para isso seria necessário que já existisse um corpo filosófico constituído de maneira que, segundo o filósofo

Para aprender, pois, a Filosofia, seria preciso que realmente já houvesse uma. Teria que ser possível exhibir um livro e dizer: eis aqui a sabedoria e discernimento fidedigno; procurai entendê-lo e assimilá-lo, sobre isso edificai no futuro, sereis então filósofos; até que me mostrem semelhante livro da Filosofia, (KANT. 2003)

Diante da impossibilidade desse livro já se encontrar constituído, visto que a Filosofia ainda está por se fazer, não se aprende Filosofia, mas apenas a filosofar.

Na contramão desse pensamento, mas nem por isso na direção errada Hegel afirma que:

Por lo pronto, cuando se llega a conocer una ciudad y se pasa después a un río, a otra ciudad, etc., se aprende, en todo caso, con tal motivo a viajar, y no sólo se aprende sino que se viaja realmente. Así, cuando se conoce el contenido de la filosofía, no sólo se aprende el filosofar, sino que ya se filosofa realmente. Asimismo el fin de aprender a viajar constituiría él mismo en conocer aquellas ciudades, etc.; el contenido (HEGEL, 1991, p. 139).

Em suma quando se estuda os textos de filosofia que foi legado a posteridade pela tradição filosófica, está de fato filosofando, mas indubitavelmente, também se está aprendendo a Filosofia mesmo, de outra forma teria que se negar que escritos reconhecidos como textos filosóficos, fosse, afinal, filosofia, e isso, por ora está fora de questão.

Ainda que a Filosofia não esteja completamente constituída e acabada ao recorrer aos textos já disponíveis aprende-se também Filosofia.

Platão, Rousseau e Kant nessa ordem não necessariamente por ordem de importância, mas pela cronologia, pensam sobre a educação dos homens dando ênfase a filosofia. Platão os queria justos, Rousseau os queria íntegros e Kant os queria justos, íntegros e autônomos. Os projetos engendrados tinham o mesmo sujeito-objeto: o homem. Homem este que uma vez educado viesse a desfrutar de forma plena de sua humanidade.

Entendemos que ser educado para viver de acordo com as normas da lei e da justiça é importante e que as ciências são imprescindíveis para formação técnica, mas, que sem filosofia a formação humana ficará incompleta. Dessa forma reiteramos a importância da filosofia para que o ser humano venha a se constituir como tal, porque ela proporciona a experiência do pensamento e, sobretudo, o seu ensino é dotado de algumas peculiaridades que veremos a seguir.

A possibilidade da experiência do pensamento

Sapere aude é sentença lapidar pronunciada por Kant em seu opúsculo publicado em 1776 em um jornal alemão em resposta a uma pergunta inquietante da época: “O que é o esclarecimento?” *Sapere aude* quer dizer ousa pensar por si próprio, ou seja, pensar fazendo uso do seu próprio entendimento. De acordo com Kant, os homens estão mergulhados na minoridade das quais eles próprios são culpados devido a dois fatores principais: falta de resolução e coragem de fazer do entendimento sem a direção de outra pessoa, ou seja, inércia e covardia. É tão cômodo se manter sob tutela de outros que a maioria dos homens mesmo depois que a natureza os libertou da minoridade se mantêm de bom grado sob direção de outrem. Ainda de acordo com Kant é comum afirmarem que se:

Possuo um livro que faz às vezes de meu entendimento; um guru espiritual, que faz às vezes de minha consciência; um médico, que decide por mim a dieta etc.; assim não preciso eu mesmo dispender nenhum esforço. Não preciso necessariamente pensar, se posso apenas pagar; outros se incumbirão por mim desta aborrecida ocupação... (KANT, 2009: p, 176)

Sobre o fato dos homens se recusarem a pensar por si mesmo a gravidade chega a tal ponto que Kant (2009) afirma que uma revolução pode produzir a queda do despotismo e mudar a forma de governo, mas dificilmente ocorrerá uma revolução que promoverá uma reforma no modo de pensar.

Kant (2003) entendia que é algo natural e até desejável que os “jovens imaturos segundo a natureza”, não pense por si mesmo para evitar o que ele chama de “tagarelice precoce dos jovens” e a arrogância, que, em sua opinião,

é mais difícil de sanar do que a ignorância, porque quando não sabe, sempre é possível aprender, mas quando se aprende errado ou acha que sabe o que realmente não se sabe, ou não se sabe como deveria saber, é difícil consertar.

Não se espera que o homem comece a pensar como que num passe de mágica, há um caminho para percorrer, para acessar a experiência do pensamento. É a partir experiência de cada homem que se deve começar, partir do vivido, daquilo que lhe é comum. A experiência do pensamento filosófico deve partir do senso comum, mas, não deve permanecer nele, é imperativo que avance primeiro em direção a juízos intuitivos e destes aos conceitos que são formados pela razão. Esse é caminho da experiência do pensamento preconizado por Kant que afirma peremptoriamente que não se deve ensinar pensamentos, mas sim ensinar a pensar e que o homem que aprende a pensar conforme o estatuto da razão filosófica sempre ganha alguma coisa com esse ensino, tornando-se mais exercitado e atinado; se isso não acontecer perante a escola, pelo menos perante a vida, embora a maioria dos homens jamais chegue a esse estatuto (KANT, 2003).

A filosofia possibilita a experiência do pensamento devido ao seu método peculiar denominado *zetético*, ou seja, investigante. Então retomo a frase lapidar inicial e digo com Kant: *sapere aude*, pois, a filosofia proporciona as condições de possibilidade para a experiência do pensamento.

1.4 A especificidade do ensino da filosofia

A filosofia tem um método peculiar denominado investigante e diferente das demais disciplinas, tendo em vista que, para ensiná-la, utiliza-se a via dos conceitos para tentar acessar uma determinada verdade ou refletir sobre algum problema. É conveniente no momento explicitar que Deleuze e Guattari (1992) entendem que há três potências do pensamento. É possível ao homem formatar o seu mundo através de três maneiras diferentes utilizando-se da ciência, da arte e da filosofia. (GALLO 2013: p. 12).

A ciência se constitui como uma tentativa de dominar a natureza que consiste na observação, formulação de uma hipótese, experimentação,

generalização e elaboração de teorias. Mas a ciência enquanto a potência do pensamento produz funções. Por exemplo: quando definimos a velocidade em função do tempo e do espaço, um objeto é mais veloz que o outro quando percorre o mesmo espaço em menor tempo.

Criar arte é uma característica distintiva do homem e sua marca enquanto ser que transcende o mero existir tendo em vista apenas o que é ditado pelo instinto. A arte é a potência criadora, que vai além dos itens básicos constituinte de todas as espécies que é: nascer, nutrir, reproduzir segundo a espécie e fatalmente morrer.

É comum às plantas nascerem, nutrirem via fotossíntese, crescerem tortas ou longilíneas reproduzirem segundo sua espécie lançando suas sementes e depois de algum tempo definharem e morrerem. O mesmo ocorre com os animais ditos irracionais.

Mas o homem marca sua passagem pelo meio em que habita criando algo que vai além do plano imanente e material. Uma música, uma pintura, um poema, escultura ou obra carrega a capacidade de registrar, de fixar e marcar a existência do homem deixando algo como legado a posteridade. Os que contemplam posteriormente esses feitos humanos têm sentimentos e percepções sobre tal obra, de forma que a arte produz afetos, cada um tem sua própria percepção perante uma obra de arte sendo afetada por ela á sua maneira.

Como potência criadora a arte e a ciência são importantes, mas fazer arte não é ciência nem filosofia, recorrer aos métodos científicos não possibilita acessar as possibilidades das artes nem garante o domínio do campo filosófico que tem suas peculiaridades.

Em nenhuma outra parte é possível acessar verdades filosóficas, exceto através de conceitos filosóficos e por isso Deleuze (1992) já afirmava que a filosofia “é a arte de inventar, de criar, de fabricar conceitos”. A filosofia tem características próprias obviamente, distintas das artes e das ciências, ela

é eminentemente reflexiva e discursiva e trata dos mais variados assuntos que só poderá ser bem analisada através do aporte dos conceitos filosóficos.

O homem enquanto ser racional lida com questões que se recusam a calar e qualquer um que não se recuse a pensar é inquietado por elas, algumas são inevitáveis por que vem de fora e nos aflige, mas outras são irreprimíveis porque estão dentro de nós e nos constrange. Questões acerca do certo e do errado, justo e injusto, acerca do Belo, do Ser entre outras. Não obstante Gramsci, citado por Gallo (2013) afirmar que “todo homem é filósofo, na medida em que de maneira mais menos intensa e duradoura ele pensa sobre os problemas da vida”, acredito que “pensar sobre os problemas da vida” na maioria das vezes não é o bastante para dar conta das inquietações que nos acometem. É preciso lançar mão dos conceitos.

E filosofia é um pensamento conceitual. De acordo com Gallo (2013), que ao sintetizar o pensamento de Foucault, indicava que a filosofia:

“é uma busca da sabedoria entendendo o conhecimento como algo que vem de fora, mas também é um trabalho de cada um sobre si mesmo, um modo de construir a própria vida”. (GALLO, 2013, p. 13)

Dessa forma quando Heráclito consolidou o conceito de Devir afirmando que tudo flui e é característica do ser essa constante passagem de uma coisa ao seu contrário, de sorte que “ninguém banha duas vezes no mesmo rio” (HERÁCLITO apud MARCONDES, 2000, p.13) ele estava dando uma forma singular de interpretação acerca de um assunto, lançando mão da filosofia como potência do pensamento.

Heráclito entendia o fluxo, o devir como um estatuto do Ser, de alguém que estava em constante mudança, tal qual o dia sucede a noite, o inverno dá lugar ao verão, após frio vem o calor, tempestade e calmaria, via no jovem de hoje o ancião decrépito de amanhã, no aluno o mestre em potência e assim sucessivamente, uma alternância contínua, ininterrupta, interminável, inexorável.

A noção de devir pode ser encontrada em outros filósofos, mas Heráclito já está consagrado pela tradição filosófica como o filósofo que diz que “ninguém banha duas vezes no mesmo rio” que os contrários se sucedem e mutuamente se complementam de forma que há uma “harmonia dos contrários” (HERACLITO apud MARCONDES, 2000) de sorte que mesmo quando dois exércitos pelejam no campo de batalha é porque estão em harmonia e concordaram em lutar. Não podemos tirar-lhe o crédito porque ainda hoje se diz entre nós que “quando um não quer dois não brigam”.

Contemporâneo de Heráclito – e que provavelmente compartilhava das mesmas angústias do seu tempo –, Parmênides concordava com ele até certo ponto sobre o devir. Mas felizmente foi além e conferiu um novo estatuto ao Ser. Mesmo entendendo que as mudanças são inevitáveis, Parmênides afirma que “o que é, é”. Pois como algo que não é pode vir a ser, como algo que é, pode deixar de sê-lo. Assim Parmênides dá crédito a Heráclito, mas afirma que não obstante às mudanças há algo que permanece tal como era antes, conferindo uma identidade às coisas. Então mesmo mudando, a criança vira adolescente, que chega a ser jovem, depois adulto, depois senil, permanece nele um substrato que preserva sua identidade enquanto tal. De fato, as pessoas mudam, mas por conta de um estatuto ontológico, permanecem as mesmas.

Está constituído aqui um problema filosófico que, indubitavelmente, só será possível refletirmos sobre isso de maneira minimamente satisfatória se lançar mão da via do conceito; de outra forma, acredito, qualquer tentativa de entender essa aporia falece.

E o que fazer então para entender o “*cogito ergo sum*” cartesiano se não através da via do conceito. O que dizer então da “dúvida metódica”, onde o filósofo francês estabelece os parâmetros para chegar ao conhecimento verdadeiro, não apenas na especulação filosófica, mas também na pesquisa científica. Se não for através dos conceitos, como entender a crítica kantiana que subverte o papel da razão que vai de juiz a ré. De entidade julgadora para

o banco dos réus, um tribunal onde a razão julga e está posta para ser julgada. Há que se apropriar dos conceitos.

A própria idéia de Deleuze de que a filosofia é arte de fabricar conceitos, é um conceito que se tem para chegarmos a experiência do pensamento. (DELEUZE E GUATTARI, 1992: p.10) Por se constituir em uma forma peculiar de saber e dotado de suas especificidades a filosofia se constitui como um importante componente curricular na educação oferecida no ensino médio. Ressaltando que o ensino médio é um momento privilegiado da formação visto que é nesse momento, somente nesse, que o estudante tem acesso a uma gama de disciplina, na universidade ele deve optar por esta ou aquela ciência e o leque se fecha.

A arte como possibilidade criadora é uma potência do pensamento que produz afetos, a ciência como força sistematizadora da natureza produz funções, mas a filosofia como potência do pensamento e como condição de possibilidade para a experiência do pensamento produz e lança mão dos conceitos para o exercício da reflexão.

1.5 A importância da filosofia para a formação humana

A filosofia é uma ciência com a qual e sem a qual o mundo permanece tal e qual.
Autor desconhecido

A filosofia é uma prática discursiva que tem a vida por objeto, a razão por meio e a felicidade por fim.
André Comte-Spomville. (GALLO, 2013 p. 18)

Parece necessário para entender a palavra Formação explicitar que há dois termos tradicionais que indicam de maneira específica o que isso vem a ser. O termo alemão Bildung e conceito grego da Paideia. Bildung de acordo com Abbagnano em seu verbete sobre o assunto diz que:

No sentido específico que esta palavra assume em filosofia e em pedagogia, em relação com o termo alemão correspondente, indica o

processo de educação ou de civilização, que se expressa nas duas significações de cultura, entendida como educação e como sistema de valores simbólicos. (ABBAGNANO, 2003: p. 470)

No outro sentido a formação só pode ser entendida *in totum* se recorrermos a Jaeger e sua obra “Paideia e formação do homem grego” que para definir o conceito supracitado, também em última instância, não deixa de ser germânico tendo em vista que Jaeger é de Loberich na região da Renânia-Westphália e desenvolveu suas pesquisas sobre o assunto no contexto alemão. Mas dada a abrangência que o termo assume na obra indicaremos apenas a suma que é:

“a essência de toda a verdadeira educação ou Paideia é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento” (JAEGER, 1995: 147).

Kant (1996) enfatiza no início de sua obra Sobre a Pedagogia que o homem é um único animal que precisa ser educado e que o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. A educação exerce um ponto central na formação do homem. Simone de Beauvoir (1980) diz que “ninguém nasce mulher, se torna mulher” e Savater (1998) corrobora afirmando que “nascemos humanos, mas isso não basta, temos que chegar a sê-lo”. Ambos apontam para idéia de que os seres humanos devem se constituir de alguma maneira para tomar forma, ou seja, deverão ser formados por algum processo que lhe é externo. E a filosofia tem parte substancial nesse processo, haja vista que é um conhecimento do homem sobre o homem, sujeito e objeto da pesquisa.

Ainda que se escarneça e diga que a filosofia não serve absolutamente para nada, que não é nem boa nem má, tomaremos aqui outro ponto de vista sobre a importância da filosofia como elemento formador do ser humano citando Marilena Chauí acerca da utilidade da filosofia:

Qual seria, então, a utilidade da Filosofia? Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum, for útil; se não se deixar guiar pela submissão às idéias dominantes e aos poderes estabelecidos, for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política, for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de

suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos, for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes. (CHAUÍ, 2003, p. 24).

Outro ponto de vista sobre a filosofia que tomaremos partido é o de André Comte-Sponville, citado em epigrafe, e que sintetiza a importância da filosofia para o ser humano: constituímos-nos humanos também filosofando. É um conhecimento que aborda vários assuntos e debates, e reflete, e argumenta e problematiza a si mesmo, utilizando ferramentas conceituais e metodológicas das mais ricas e dinâmicas e que não pode ser desprezado sob pena de uma formação deficiente e incompleta.

Também, de forma alguma se deve abrir mão do conhecimento científico, pois conforme Severino:

Mas, de per si, os conhecimentos científicos não podem expressar uma razão para nossas escolhas existenciais, para formarmos nossa escala valorativa, para nos sensibilizar à dignidade da vida humana. É preciso recorrer à modalidade do conhecimento filosófico que é onde desenvolvemos nossa visão mais abrangente do sentido das coisas e da vida, que nos permite buscar, com a devida distância crítica, a significação de nossa existência e o lugar de cada coisa nela. (SEVERINO 2002, p. 187).

Ao passo que acessar a experiência do pensamento tendo como ferramenta o conhecimento filosófico nos dá outra dimensão de relacionar com o mundo, pois

(...) em toda a gama de sensibilidades que a constituem: a inteligência (que é percepção de conceitos), a consciência ética (que é sensibilidade aos valores morais), a consciência estética (que é sensibilidade aos valores estéticos, de modo geral), a consciência social (que é sensibilidade aos valores políticos, ou seja, às relações de convivência na sociedade). É toda esta esfera do exercício da dimensão subjetiva da pessoa que nos torna efetivamente humanos. (SEVERINO, 2002, p. 185).

E não se vislumbra outra disciplina capaz de lidar com a gama de pontos de vista e perspectivas que se apresenta para o ser humano resolver.

Desde os primórdios do tempo a educação e a formação humanas tornaram-se uma preocupação que angustia o ser humano, sejam gregos, alemães ou brasileiros. E a filosofia através de conceitos, do seu caráter

reflexivo, de sua postura argumentativa, de sua capacidade problematizadora, tem muito a contribuir para a educação do homem em seu aspecto formal e em sua formação para a vida enquanto cidadãos éticos e conscientes de direitos e deveres.

No âmbito dos documentos oficiais a filosofia tem um papel bem circunscrito e delimitado que é formar “cidadãos críticos”, seguem essa tônica os parâmetros curriculares nacional doravante PCN’s, as Diretrizes curriculares nacional e as orientações curriculares nacional, doravante DCN’s e OCN’s. Baseados nesses documentos a filosofia se torna instrumental, é uma ferramenta para alcançar determinado objetivo.

Não se quer afirmar aqui que a filosofia não deva, em hipótese alguma, servir para alguma coisa e por conta disso conseqüentemente existir como um saber nulo, mas desde os primórdios dos tempos a filosofia foi entendida como algo que deveria ser usado em proveito do homem, mas também como algo cujo valor em si, buscado, praticado e vivenciado como uma finalidade e nunca como uma meio para determinado fim.

Qualquer ciência que busca desenvolver um determinado projeto, tem em vista o aprimoramento de algum campo do saber para obter lucros ou vantagens pessoais. Não há nada de errado com isso. Nesse caso temos a medicina que propõe devolver a saúde ao homem quando este estiver doente ou mesmo evitar doenças através da medicina preventiva, ou imunizar corpos contra ameaças de epidemias aplicando anticorpos pela vacina.

As ciências da terra usam a Agronomia para corrigir o solo de forma que aumente a produção de grãos por área cultivada, bem como o melhoramento genético das sementes de maneira que se tornem mais resistentes à praga que devastam a plantação. Não há nada de ruim nisso, muito pelo contrário, é extremamente louvável que, aumentando a produção de grãos, estes abundem em celeiros e as pessoas tenham o que comer, segurança alimentar é indispensável á soberania de uma nação. Entretanto, por outro lado, não há,

nem haverá nenhuma garantia de que se produzir muitos grãos em abundância estes chegarão à mesa de quem precisa.

Quem estuda direito pensa e acredita que tal ciência serve para ministrar a justiça com equidade e há operadores do direito que dizem que é uma ciência indispensável para o exercício da democracia. Entre os operadores do direito convivem os que acreditam piamente que sem esse saber nem democracia haveria. Mas resta saber que democracia quando os membros da administração da jurisprudência vivem na pujança, cheio de privilégios e autoridade enquanto figuras do mesmo nível de escolaridade – como a maioria professores – vivem na penúria. Onde está a democracia, onde está a administração da justiça com equidade.

Mas não é de equidade que trata este trabalho e sim de experiência filosófica no ensino médio, os argumentos acima foram evocados para lembrar que as ciências têm um papel na sociedade e que ela é sempre um meio para determinando fim, seja aumentar a produção para proporcionar uma suposta segurança alimentar ou, mais certo potencializar os lucros do produtor; seja para ministrar saúde à população, mas que também dá ao médico um status privilegiado para ditar regras à sociedade ou; ministrar a justiça ao povo, cuja atividade confere não poucos poderes aos seus operadores. Mas não obstante essas características distintivas louváveis dessas ciências elas sempre serão um meio para determinado fim. Elas servem.

Ao passo que, a dignidade da filosofia, consiste no fato de que ela não é serva de ninguém. Gera uma confusão considerável em sala de aula quando os alunos no afã de perguntar, mesmo que seja apenas para perguntar disparam: professor para que serve filosofia? A essa pergunta respondo prontamente: para nada! Porque se querem que a filosofia sirva para ganhar dinheiro, não serve. Para aumentar produção de grãos ou produzir bezerros de crescimento precoce, não serve. Ministrar saúde ou justiça, também não. Por um momento os alunos ficam convictos de que realmente estudar filosofia é uma perda de tempo. Então estudar filosofia para quê? Finalizam a sentença.

Malabarismo verbal á parte, já não recorro a idéia de cidadania ou de capacidade de análise crítica, todas as disciplinas ensinadas no ensino médio deveriam, em tese, prover aos alunos, mais do que isso, desenvolver nos estudantes a capacidade de enxergar o mundo por um prisma mais abrangente. Definitivamente não atribuo á filosofia um papel soteriológico. Entendo que abordar a filosofia e justificar sua presença no currículo da escola de nível médio apelando aos seus aspectos salvacionistas já não se sustenta mais, é possível que a filosofia “sirva” para alguma coisa, mas não para tirar o homem da ignorância, ou somente para isso. Deve ir além.

Então, a título de ilustração a seguinte proposta é feita aos alunos, pensemos por um momento se um leão pudesse dialogar com os humanos e se alguém o convidasse para assistir um bom filme – O Poderoso Chefão, por exemplo – e esse leão tivesse a capacidade de retorquir-lhe provavelmente ele diria: “se eu assistir esse filme vou ficar mais rápido e mais forte para capturar um búfalo?” Não! “Então para que me serve assistir tal filme?”

Se proposta semelhante fosse feita a um crocodilo, mas neste caso para contemplar uma obra de arte – Guernica de Picasso, por exemplo – para ver que reflexões lhes suscitariam, a resposta mais provável que teria de volta seria: “se eu ver esse quadro haveria mais gnus para saciar minha fome”? Não? Então para que me serve a contemplação de tal quadro?

E se numa última tentativa a hiena fosse convidada a ouvir a 9ª Sinfonia de Beethoven ela se irritaria com isso porque, não há dúvida, se ela ouvir a 9ª Sinfonia isso não irá proporcionar-lhe, de forma alguma, mais carniça, para saciar seus instintos mais inegáveis e primitivos.

Se disser aos estudantes de ensino médio vamos estudar filosofia? Eles responderão: “se eu estudar filosofia isso me ajudará a ganhar dinheiro e vencer na vida?” Não! Então de que me serve a filosofia? Acontece que os seres humanos, quando realmente se constituem em seres humanos, eles vão além da mera satisfação dos instintos propriamente animais tais como nascimento, nutrição, reprodução e fatalmente a morte. Isso é comum aos

vegetais, aos animais e aos homens. É facultado aos vegetais e aos animais nascer a partir da cópula seminal ou da semente, bem como nutrir seja pelo consumo de ervas ou carne de presas, seja pela fotossíntese, plantas e animais nutrem e crescem e, mais uma vez reproduzem segundo sua espécie e perpetuam o ciclo uma vez que os mais velhos em um dado espaço de tempo fatalmente morrem.

Apenas os homens buscam ir além dos instintos mais básicos marcando sua passagem pela vida cultivando as coisas do espírito. Ouve músicas cujo ritmo, harmonia e melodia lhe proporcionam prazeres por vezes fugazes, mas, indescritíveis. Apreciar obras de arte que em nenhuma instância pode satisfazer suas necessidades imediatas, mas traz à tona reflexões de que outra forma ele não teria. Ver filmes cuja sucessão e conjugação de falas, imagens e sons emocionam, e é claro que quem vê um filme não procura com isso saciar a fome ou aquecer-se do frio nem proteger-se do inimigo. O homem também traz em si a capacidade de se dedicar a religião na esperança de uma vida presente ou futura melhor, mas todas essas atividades estão relacionadas ao espírito.

Assim, a filosofia pode não proporcionar ao homem um abrigo seguro contra as intempéries da natureza, não proporciona saúde ou segurança alimentar, mas, inegavelmente, como um ato do espírito, a filosofia é um saber que pode ser buscado somente pelo saber em si, e é isso que vai nos levar além e nos diferenciar das demais seres vivos como os vegetais e animais. Porque os homens se vêem às voltas com problemas criados por eles ou que lhes são impingidos e é forçado a lidar com eles. Neste aspecto tem sentido a afirmação de Reale e Antiseri (2007)

Os problemas filosóficos, portanto, existem, são inevitáveis e irreprimíveis; envolvem cada homem particular que não renuncie a pensar: A maioria desses problemas não deixa em paz: Deus existe, ou existiríamos apenas nós, perdidos neste imenso universo? O mundo e um cosmo ou um caos? A história humana tem sentido?

E se tem, qual é? Ou, então, tudo - a glória e a miséria, as grandes conquistas e os sofrimentos inocentes, vítimas e carnífcies - tudo acabara no absurdo, desprovido de qualquer sentido? E o homem: é livre e responsável ou é um simples fragmento insignificante do

universo, determinado em suas ações por rígidas leis naturais? A ciência pode nos dar certezas? O que é a verdade? Quais são as relações entre razão científica e fé religiosa? Quando podemos dizer que um Estado é democrático? E quais são os fundamentos da democracia? É possível obter uma justificação racional dos valores mais elevados? E quando é que somos racionais? Eis, portanto, alguns dos problemas filosóficos de fundo, que dizem respeito às escolhas e ao destino de todo homem, e com os quais se aventuraram as mentes mais elevadas da humanidade, deixando-nos como herança um verdadeiro patrimônio de ideias, que constitui a identidade e a grande riqueza do Ocidente. A história da filosofia é a história dos problemas filosóficos, das teorias filosóficas e das argumentações filosóficas. É a história das disputas entre filósofos e dos erros dos filósofos. É sempre a história de novas tentativas de versar sobre questões inevitáveis, na esperança de conhecer sempre melhor a nós mesmos e de encontrar orientações para nossa vida e motivações menos frágeis para nossas escolhas. (REALE E ANTISERI, 2007: p. IV)

O homem deve fazer escolhas e essas escolhas são processadas no campo da moralidade, nesse aspecto, a matemática, juntamente com o conhecimento científico, embora importante, talvez não ajude muito. Conclui-se, portanto que mesmo que a filosofia não deva ser tomada como um meio para determinado fim o conhecimento filosófico venha se constituir um forte aliado para fazer escolhas mais acertadas.

Capítulo 2

FILOSOFIA E TECNOLOGIA

2.1 As tecnologias pensadas a partir de um prisma filosófico

O que é tecnologia? Como a tecnologia possibilita a emergência de novas subjetividades? De que forma as tecnologias, principalmente as tecnologias móveis, através do smartphone podem ser úteis para o ensino de filosofia? Essas e outras perguntas são as que constituem o norte desta pesquisa nas páginas que se seguem, buscando respostas se não satisfatórias, mas pelo menos plausíveis, para uma questão que se encontra presente em todos os segmentos sociais. A fundamentação para responder a essas inquietações, será buscada principalmente nas obras de Pierre Lèvy *Cibercultura*, (1997) *Inteligência Coletiva*, (1993) *O que é o virtual*, (1999) *Tecnologias da inteligência*, (1998) entre outras. Contaremos também com a análise estrutural das transformações sociais e da sociedade causada pelas tecnologias na visão de Castells, mas nos deteremos mais especificamente em Lèvy, que foca sua análise na subjetividade, nas transformações que a tecnologia produz no sujeito e sua relação com o conhecimento.

Há ainda a contribuição de Serres através da obra “Polegarzinha” que demonstra as transformações produzidas pelas tecnologias nas relações de saber entre mestre e alunos e coloca o papel da escola como formadora de conhecimento em xeque. Outros autores como Prensky, Benjamim, Feenberg, Dusek e Vegneon aparecerão também, mas de forma pontual e como um adendo, a base desta pesquisa tem como principal autor Lévy.

Vamos tentar definir os termos “técnica” e “tecnologia” para que a palavra possa ganhar os contornos desejados e indicar a direção e o sentido a serem explorados aqui. O dicionário de Filosofia Abbagnano (2007) que costuma prover longas definições, sobre o termo tecnologia ele foi quase lacônico, e traz somente:

1. Estudo de processos técnicos de determinado ramo da produção industrial ou de vários ramos. 2. O mesmo que técnica. 3. O mesmo que tecnocracia. (ABBAGNANO, 2007: p. 942)

Além das tradicionais correspondências das palavras em outras línguas, ficando subentendido que o termo ainda não estava em voga á época da compilação do dicionário.

Mas para o verbete “técnica” o dicionário de Filosofia Abbagnano (2007), dá um pouco mais de atenção. Afirma que:

“o sentido geral desse termo coincide com o sentido geral de arte e compreende qualquer conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade qualquer”. (ABBAGNANO, 2007: p. 939ss)

Ainda de acordo com Abbagnano (2007) é um significado antigo e generalíssimo, contendo inclusive comportamentos díspares que, grosso modo, pode ser dividido em dois campos diferentes: racionais e mágicos religiosos.

A parte mágica e religiosa dentre cujas técnicas estão inclusas os ritos não interessa no contexto desta pesquisa e, portanto, desde já será deixada de lado, para nos determos apenas nas partes descritas como racionais, visto que estas se subdividem por si próprias em três partes, a saber: técnicas simbólicas (cognitivas ou estéticas) que remetem a ciências e as belas artes; técnicas comportamentais (morais políticas e econômicas); e as técnicas produtivas.

Qualquer uma dessas três definições podem ser enquadradas e exploradas neste trabalho ou mesmo as três, mas convém lembrar que esta pesquisa não é uma descrição do que é a técnica, mas como a técnica ou em última instância tecnologia – se conseguir estabelecer a diferença – influencia o modo de pensar filosófico e de que forma essas tecnologias tão presentes no tecido social podem ser pensadas e analisadas a partir de um prisma filosófico e também como me beneficiar das tecnologias disponíveis para ensinar filosofia no ensino médio.

Mesmo partindo da definição de técnica em algum momento abandonaremos esta noção para focar em um termo mais contemporâneo e contextualizado para dar conta do que se propõe esta pesquisa, ou seja nesta situação a palavra tecnologia será mais apropriada. A palavra tecnologia de alguma forma tem mais a ver com sociedade informacional, computação, e

virtualidade do que a palavra técnica, nomenclaturas a parte, será empreendido um esforço para evitar de termos anacrônicos.

Conforme Abbagnano (2007) a técnica sempre acompanhou a vida do homem que dentre as criaturas viventes é o animal mais inerme e indefeso, por isso para que qualquer grupo humano sobreviva é indispensável certo grau de desenvolvimento da técnica, assim como o bem estar e a sobrevivência de grupos humanos se tornam cada vez mais dependentes e condicionados ao desenvolvimento dos meios técnicos.

Não obstante Platão já observasse no Protágoras (321 c) que quando diz respeito ao comportamento humano em relação á natureza a técnica sempre se fez presente. Mas foi Bacon o primeiro a dissertar filosoficamente sobre a importância e necessidade do desenvolvimento da técnica para aprimorar as ciências tendo a produção de bens e o domínio da natureza como foco, por isso em seu livro Nova Atlântida, ele perfila a cidade ideal não como um local onde impera a justiça pensada por Platão na sua “A República”, mas, como o “paraíso da técnica”.

O aprimoramento das técnicas é indispensável para sobrevivência da espécie humana, o que o levou a dominar alguns aspectos da natureza criando aparatos tecnológicos que servem de extensão ao corpo, tais como andar mais rápido, alcançar mais alto, ver mais longe, carregar pesos que estava fora das possibilidades da envergadura do corpo humano, instrumentos de precisão, para ver o que não se pode a olho nu e assim por diante.

Os agenciamentos maquínicos praticamente não têm fim; para o calor condicionador de ar, freezer, geladeira; para o frio use aquecedores e bebidas quentes; se o objeto está muito longe de nós, há alguns anos luz de distância da terra, use o telescópio; é minúsculo demais para ser visto a olho nu, microscópio e se houver qualquer obstáculo que não pode ser removido entre os olhos e o que se quer ver use o RAIÓ X ou LASER para ver através de alguma coisa.

A máquina libera o tempo do homem aumentando exponencialmente suas forças, nada está tão alto que não possa ser alcançado ou tão profundo que não possa ser alçado até a superfície. Mais do que liberar o tempo do homem Vieira Pinto (2005) preconiza que “a máquina é considerada algo capaz de substituir o esforço mental, quando antes só aliviava o homem da labuta braçal”. Aliás, com o desenvolvimento das técnicas, as máquinas atingiram um status de perfeição simplesmente magnífica, a ponto do ser humano se perguntar se:

“o homem é o único ser a quem se possa atribuir a qualidade de pensante ou as máquinas (.....) devem também ser consideradas possuidoras de pensamento” (VIEIRA PINTO, 2005, p.71).

Enfim, a história do homem se confunde com a história das máquinas, um não é sem o outro. O homem sem as máquinas não conheceria o progresso, não dominaria alguns aspectos da natureza a seu favor, ao passo que as máquinas não existiriam sem o homem enquanto seu criador. Em suma “os fundamentos maquínicos se confundem com a história do homem, mas ela não é algo ‘dado’ ela é feita” (2005 p. 73). E se o ser humano evoluiu isso está expresso de forma indelével nas máquinas que ele inventou, portanto, “a evolução do maquinismo é na verdade a evolução do homem enquanto ser que constrói” (2005 p. 74).

O homem domina a técnica e evolui através da técnica, com a técnica. No entanto, a técnica em si, de acordo com Lévy (1999) “não é nem boa, nem má, nem tampouco neutra” e é fato que as técnicas desenvolvidas introduziram de forma irreversível mudanças no cotidiano do homem, no entanto, é certo também que “nem a salvação nem a perdição residem na técnica” (1996. p. 16) podem trazer benefícios ou ruína, dependendo do uso que os homens fazem dela. Porque de acordo com Lévy “a informática não intervém apenas na ecologia cognitiva, mas também nos processos de subjetivação individuais e coletivos”. (1996; p.34).

2.2 Um pouco de história: do desenvolvimento técnico á evolução tecnológica.

De acordo com Lévy (1999) Douglas Engelbart, Vanevar Bush fazem parte da história da informática quando se trata de lógica de programação como Jobs e Wozniack estão para os computadores pessoais. Desde o ENIAC o primeiro computador de que se tem registro e segundo o que consta nos anais da história da computação, ocupava um andar inteiro de um prédio e era usado para fazer cálculos complicados e que também era complicado utilizá-los para fazer cálculos, até os modernos PC´s, muitas águas passaram debaixo de muitas pontes.

Os primeiros computadores sem telas ou mouse não tinham interfaces amigáveis o usuário digitava o comando e alimentava a máquina com cartões perfurados, o computador fazia o cálculo cuspiu o cartão por outra saída e o informata fazia a interpretação. Seu uso era estritamente militar, sempre em centro de desenvolvimento de pesquisa ou para grandes empresas, pois devido ao seu tamanho, custo e engenhosidade para operá-lo, se tornavam completamente inviável para o cidadão comum.

Os centros de pesquisas do Estado da Califórnia pululavam de engenheiros técnicos e programadores ávidos por descobertas que produzissem mudanças nos complicados sistemas operacionais que obviamente nada tem a ver com os modernos “Windows 10” ou “Linux” que utilizamos hoje com tanta facilidade e acessibilidade.

Era uma peça daqui, um transistor dali, ajuntado em garagem qualquer por alguns visionários que naquela conjuntura nada tinham a ganhar ou a perder, queriam apenas descobrir, inventar, fazer funcionar. Alguém inventava alguma coisa e compartilhava submetendo sua criação ao crivo e escrutínio de outros inventores e informatas, que davam sugestões, copiavam, incrementavam.

Se alguém fizesse a pergunta: quem inventou o computador? A resposta seria: ninguém e todos. Lévy (1997) diz que as idéias vieram de todos os

lugares e de inúmeras pessoas, não havia um centro irradiador de onde algum gênio sentou e pensou e pensou até que EUREKA!

O computador com o formato que conhecemos foi evoluindo aos poucos. O que se pode afirmar com certeza é que para o desenvolvimento dos computadores modernos a região de *Silicon Valley* foi indispensável. A princípio era uma bricolagem *high tech*, uma espécie de Frankenstein mecânico com peças oriundas de várias partes, que mais se assemelhava a pirataria do que a pesquisa científica.

Jobs montou um aparato que driblava as companhias telefônicas e, juntamente com seus amigos, podiam telefonar para qualquer parte do mundo sem precisar pagar. E como se isso fosse pouco com auxílio, também de amigos, “desviaram os computadores” de Berkeley para efetuar uns últimos ajustes.

De acordo com Lévy (1997)

Milhares de jovens divertiam-se desta forma, fabricando rádios, amplificadores de alta fidelidade e, cada vez mais, dispositivos de telecomunicação e de cálculo eletrônico. *nec plus extra* era construir seu próprio computador a partir de circuitos de segunda mão. As máquinas em questão não tinham nem teclado, nem tela, sua capacidade de memória era ínfima e, antes do lançamento do Basic em 1975 por dois outros adolescentes, Bill Gates e Paul Allen, elas também não tinham linguagem de programação. Estes computadores não serviam para quase nada, todo o prazer estava em construí-los. (LÉVY, 1997. p. 28)

Embora não seja possível atribuir paternidade ao computador nem mesmo data de nascimento, pois foi surgindo aos poucos, camada por camada, interface após interface, é possível afirmar com alto grau de probabilidade o local do seu surgimento: *Silicon Valley*. Foi nessa região que lá pelos idos de 1975 floresceram diversas empresas que hoje já não existem mais, entretanto contribuíram de forma efetiva para o desenvolvimento da informática para que ela tenha o formato que conhecemos hoje.

O computador pessoal ainda não tinha finalidade comercial, pois como afirmei não havia sequer a idéia de um computador pessoal. O que havia era a

bricolagem. Mas Paul Terrel tinha uma loja chamada Bite Shop e estava procurando coisas para vender, seu grande sucesso de venda era o *Altair* que vinha com as peças todas separadas, pois, nessa época afinal, “quem iria comprar um computador todo montado” (LÉVY, 1997), e ainda para delírio dos que gostavam de bricolagem em garagens o *Altair* vinha sem monitor ou teclado. É claro que não havia ainda a idéia de mouse.

Terrel aceitou o *Apple* de Wozniac, mas pediu para Jobs que o montasse. A montagem era um novo estágio das interfaces com os usuários, e implicava uma importante mudança no significado de máquina, a partir de agora o essencial não era mais montá-lo, mas usá-la. Ainda se fazia bricolagem, mas já haviam atingido outro estágio. Era só o começo.

Havia ainda o problema da linguagem de programação. O *Apple I* não tinha gravador e toda vez que era ligado sua programação devia ser digitada à mão pelo usuário. A programação que rodava no *Apple I* se chamava *Basic* e uma vez inventado um gravador que lembrava a programação criava outro problema o de compatibilidade, o *Basic* não rodava no *Altair*.²

Mas enfim, com Jobs e Wozniac as máquinas foram ganhando aspectos cada vez “menos técnicas e menos dura”, pois estavam convencidos de que havia mercado de massa para os computadores e se a *Apple* quisesse sobreviver, era imperioso que alcançasse um público mais amplo. Então o *Apple 2* saiu com uma fonte, gabinete de plástico rígido e, finalmente, um teclado. Mas não estavam pensando em praticidade ou acessibilidade, era apenas uma jogada publicitária e a campanha de marketing foi tão agressiva que contava com anúncios na revista *Playboy*.

² Na obra que serve de referência a este trabalho o autor afirma entre parênteses que “(Quinze anos depois, a Apple ainda enfrenta esta questão da compatibilidade.)” (LÉVY). Ele diz isso tendo como referência 1975, então faremos uma observação mais atualizada: em 2018 a Apple ainda não resolveu a questão da compatibilidade. Programas de outras empresas não rodam em aparelhos Apple. Androids não funcionam nos celulares da Apple e para baixar aplicativos usam iTunes em vez de PlayStore.

Os custos ainda eram altos para quem quisesse adquirir e manter um computador, entretanto, amadores já podiam dispor deles e manuseá-los com relativa facilidade. Esses usuários, tanto mestres como amadores começaram a produzir programas no e para o *Apple 2*. Vieram os disquetes, processadores de textos, planilhas e o computador invade os escritórios dando início a “revolução da informática.”

A partir daí, o processo de evolução se acelerou e surgiu a idéia de fazer a junção dos computadores com a impressora sob o patrocínio da *Xerox*, depois as interfaces amigáveis onde o usuário por meio de um mouse clicava em um ícone qualquer e podia enfim navegar.

Depois que os computadores foram tornados mais interativos correspondendo a comandos externos executados por um operador através de um mouse, o próximo passo foi a interconexão. Por em contato pessoas em pontos distintos do planeta através de cabos telefônicos ligados a um computador.

Mais do que uma revolução da informática propriamente dita computadores interativos permitem colocar em ação dois sistemas cognitivos inteligentes, o homem e a máquina estavam mais imbricados que nunca. Não se trata de humanizar a máquina ou tornar o homem um *ciborg*, mas de potencializar o uso da máquina em favor do homem. Isso produziu profundas transformações no *modus vivendis* da sociedade. Para Lévy, Engelbart, era um grande visionário das evoluções tecnológicas por isso afirma que

“os diversos agenciamentos de mídias, tecnologias intelectuais, linguagens e métodos de trabalho disponíveis em uma dada época condicionam fundamentalmente a maneira de pensar e funcionar em grupo vigente em uma sociedade.” (LÉVY, 1993 p. 32).

2.3. Análise filosófica da evolução tecnológica

A descoberta da pedra lascada pelos homens primitivos provocou uma grande transformação no seu modo de vida. Agora ele tinha extensão para as mãos e podia golpear sua tão pretendida presa com mais força, abater animais maiores e afugentar seus inimigos. A evolução do homem, melhor dizendo, sua própria humanização, se deu junto com a evolução da técnica.

Quando os homens dominaram o fogo dispoendo dele de acordo com a sua vontade, puderam manusear o ferro criando ferramentas para agricultura e obviamente armas para a guerra, as relações entre os habitantes de uma determinada região mudaram de perspectiva. Entretanto, mais importante do que despertar a belicosidade o avanço técnico contido no domínio do ferro e do fogo produziu transformações no cotidiano dos homens, sua forma de conhecer o mundo, na forma de representar o conhecimento e no seu meio de transmissão.

Em um sobrevôo panorâmico sobre as transformações ocorridas na história da humanidade podemos identificar três técnicas ou tecnologia intelectuais que alteraram profundamente o modo de ser do homem, tornando-os homem, no sentido filosófico do termo. Primeiro a linguagem, depois a escrita e por fim a informática.

Ao analisar essas transformações, não estamos apenas fazendo um levantamento dos agenciamentos tecnológicos que os homens inventaram para dominar a natureza e se beneficiar com as facilidades e conforto oriundos das tecnologias, mas “é uma interrogação sobre as divisões mais fundamentais do ser que a nossa reflexão sobre as tecnologias intelectuais irá nos conduzir.” (LÉVY. 1993; p. 6). Partindo desse ponto de vista, a técnica e as tecnologias intelectuais em particular, tem muita coisa para ensinar aos filósofos sobre a filosofia.

Não se pode pensar em técnicas e tecnologias dissociada do ser humano, é possível até afirmar com Lévy “deixei a técnica pensar em mim” para se ter uma compreensão melhor ou mais bem articulada desses fenômenos que está sempre em movimento, sendo movimentado, transformando e sendo transformado. Se há algo no mundo que possa ser considerado dialético no sentido estrito e forte do termo são as tecnologias, pois, sendo criação humana e transformada pelo homem, cada nova tecnologia enxergada a partir de sua funcionalidade e praticidade muda homem e gera uma nova mentalidade transformando também sua consciência.

Não existe uma dualidade no mundo, homens de um lado e máquinas do outro, o que se pode perceber é que os homens existem com as máquinas e as máquinas existem porque foram engendradas por esse ser que nas palavras de Vegneon (2009) citando Nicolau de Cusa “é o deus das formas artificiais”. Nem divino nem natural o homem é um ser híbrido que convive com agenciamentos máquinicos e administra os agenciamentos tecnológicos e não raras vezes, os humanos são subjugados pelos ritmos impostos pela máquina. Sendo os homens:

“fruto de evolução técnica iniciada por ele mesmo, a técnica não é prioritariamente uma atividade transitiva, voltada para a transformação da natureza; é uma atividade reflexiva por meio do qual o homem configura sua potencia de agir” (Vegneon; 2009),

Ou seja, mesmo dependente das tecnologias para realizar várias tarefas, longe de se alienar em estado servil perante elas, é correto indicar que as máquinas passam a existir porque é fruto da consciência reflexiva dos homens.

Pensar as técnicas e tecnologias a partir da artificialidade humana é uma maneira de procurar entender as dimensões do imbricamento entre homem e máquina e as tecnologias que ele desenvolve para subsistir perante as forças da natureza. Como para o homem não é possível se privar de atividades técnicas, pois, esta lhe é consubstancial, algumas tecnologias se configuram ambíguas, sendo ao mesmo tempo externa ao humano, as tecnologias se apresentam como uma das dimensões do homem e estão nas operações mais íntimas do espírito de acordo com Vegneon (2009).

Pensando nestes termos a tecnologia ou as técnicas, não pode ser mais compreendida como queria Heidegger (1997) que conferia a ela um estatuto ontológico, como se as técnicas existissem por si, dissociada do seu criador. Muito embora Heidegger tenha feito escola com vários seguidores que não convém nomear aqui, vários autores contemporâneos já entendem que “filosofia da tecnologia nos ajuda a reconhecer a tecnologia como uma *dimensão da vida humana*, e não apenas como um evento histórico” (CUPANI; 2004).

A propósito, para analisar a tecnologia do ponto de vista filosófico é preciso, a exemplo da ciência ou da linguagem, de uma filosofia específica, para isso se constituiu uma filosofia da ciência que analisa as ciências levando em conta a validade das formulações hipotéticas. Quando se trata da linguagem a filosofia tenta demonstrar como ela influencia a relação entre os homens e o constitui como homem. Um campo tão vasto que exerce tanta influência na vida dos seres humanos, em todos os aspectos de sua vida, seja social, cultural, político, econômico não há como negar que está plenamente justificada à existência de uma filosofia da tecnologia.

Os expoentes da filosofia da tecnologia que levaram a cabo a análise da tecnologia como uma das dimensões da vida humana, apontam os principais modos de abordagens para efetuar essa reflexão, que pode ser antropológica, sociológica, fenomenológica ou de caráter metafísico existencialista; sustentada pelo Dr João Epifânio. Ao passo que Frederic Vegneon entende que a filosofia da tecnologia deve oferecer suporte para pensar pelo menos três coisas acerca das máquinas:

1^a situar a utilização das máquinas em uma reflexão geral sobre a artificialidade; 2^a ter uma concepção pertinente das relações entre a esfera reflexiva e o campo operacional e; 3^a oferecer paradigmas para avaliar o uso que se faz dos automatismos.

É bom esclarecer que a abordagem de Vegneon é feita a partir do ponto de vista antropológico.

Cupani analisa as influências das tecnologias na sociedade também sob três aspectos, no entanto para sustentar sua reflexão acerca do objeto pensado ele traz como suporte autores já consolidados na tradição filosófica como precursores da disciplina, sendo que sua abordagem analítica tem como base Mario Bunge, depois o enfoque fenomenológico sustentado nas teorias de Bergmann; e abordagem feita a partir da teoria crítica defendida por Feenberg. Cupani incrementa sua observação com um adendo, tece uma crítica subsequente às três abordagens supracitadas demonstrando o que ele entende como pró e contra de tais teorias.

Feenberg aborda a filosofia da tecnologia sob o ponto de vista da história, história da filosofia obviamente, visto que para dar o significado de técnica recorre aos primórdios da filosofia e cita Platão e Aristóteles³; faz também uma abordagem das “opções contemporâneas das diferentes teorias que se encontram em discussão” (NEDEL; 2010, p. 39). Ele também observa que, a tecnologia como problema filosófico pode ser seriamente analisada, tendo como ponto de partida dois eixos, são eles: autônoma e humanamente controlada.

Sendo a tecnologia autônoma chamada de eixo A, ela pode ser neutra ou carregada de valores. Como neutra ela é determinista e fundamenta a modernização; já entendida como carregada de valores faz parte da interpretação substantivista dotada de meios e fins dentro de um sistema.

Chamada de eixo B pelos estudiosos da filosofia da tecnologia e denominada humanamente controlada também pode ser neutra ou carregada de valores. Aqui quando entendida como neutra a tecnologia é interpretada como instrumentalista portadora de fé liberal no progresso; e quando carregada de valores dá ensejo a teoria crítica da qual Feenberg é partidário e defensor.

³ Feenberg afirma que “a filosofia da tecnologia começa com os gregos e é, na verdade, o fundamento de toda a filosofia ocidental. Afinal de contas, os gregos interpretam o ser como tal por meio do conceito de fabricação técnica”. (NEDEL 2010; p. 42)

E por fim, Val Dusek que em seu livro *Philosophy of technology. An introduction* tem um capítulo dedicado a definir o que é tecnologia. Dusek começa reclamando que definições são perda de tempo, visto que é uma coisa meramente semântica, um desperdício de esforço, porque as definições são acima de tudo, arbitrárias.

Aliás, o primeiro tipo de definição que ele apresenta é exatamente a *arbitraria*. Geralmente as definições são sobre palavras e não sobre as coisas, então é possível definir coisa como qualquer elemento que desejemos.

Retórica. Mera retórica. Porque mesmo dizendo que é perda de tempo ele apresenta outras formas de definir a tecnologia e recomenda alguns cuidados para não recair no senso comum. Então faz menção da *definição estipulante* onde, quem quer que seja, define qualquer coisa à sua maneira, nesta parte ele assevera que estudiosos da tecnologia devem tomar cuidado ao utilizar esta definição para não perderem o foco.

Essa segunda definição leva à outra descrita como *relatante* e, essa definição é mais pobre de todas sendo a que mais se aproxima das definições dada pelos dicionários. Dusek diz que o problema das definições relatantes é que elas não levam em conta os diferentes significados que um termo pode conter dependendo da região em que se usa ou da posição social do usuário, ou, por exemplo, quando um educador associa a palavra “tecnologia” apenas a computadores em sala de aula.

E finalmente, a definição *sumarizante* típica da filosofia e de outras áreas acadêmicas. Este tipo de definição de acordo com Dusek (2006) mantém o significado central da palavra, não é estipulante nem arbitrária e ao contrário da relatante não se atém a definições de palavras, mas, seu ensejo recai sobre sua área de aplicação. E encerra dizendo que qualquer tentativa filosófica de definição geral de tecnologia será uma definição sumarizante.

A dificuldade de definir tecnologia provém do fato de que, sob essa nomenclatura estão incluídas coisas variadas e diversas demais para partilharem de um mesmo sentido. Autores do começo do século XX como

Heidegger e Ellul acreditavam ser possível dar ou encontrar uma definição universal para tecnologia, enquanto autores mais recentes entre eles Feenberg (2003) entendem que “não há uma essência ou característica definidora individual da tecnologia, e que buscar por uma definição essencial é improdutivo”.

Ainda de acordo com Dusek (2006) – que não queria dar definições, por entender que era perda de tempo – há alguns parâmetros para dar uma boa definição. Uma definição não deve ser muito ampla nem muito restrita, muito menos circular; deve ser isenta de linguagem figurada e metáforas e também não deve ser puramente negativa.

Ele próprio define filosoficamente a tecnologia como sendo levando em consideração três características: tecnologia como instrumental, tecnologia como regras e tecnologia como sistema. Cada uma dessas definições traz em seu bojo esclarecimentos e algumas complicações, é claro que não são interpretações estanques, uma está imbricada à outra ou carrega contradições.

A tecnologia entendida como instrumental é aquela que se refere a ferramentas e máquinas. Embora Lewis Mumford pioneiro nesse tipo de estudo diferencia ferramentas de máquinas ao afirmar que ferramentas necessitam de um operador ao passo que as máquinas são mais independentes. Nesse esquema de representação o que se aparece para simbolizar tecnologia é a imagem de um foguete ou computadores.

Mas, nem sempre tecnologias remetem a equipamentos manuseáveis ou relativamente independentes. Skinner, Ellul e Mumford entendem que regras que regem uma determinada sociedade são consideradas tecnologias tão eficientes quanto aquelas que funcionam no interior de uma máquina ou a fazem funcionar. E exemplificam evocando a figura das “megamáquinas” que moviam terras para represas ou para irrigação no Egito, China antiga ou antiga Suméria, o grande número pessoas.

A tecnologia como sistema pode divergir dependendo do uso que se dá aos equipamentos. Um avião com certeza é um aparato tecnológico que pode

fazer parte de um sistema, mas caído no deserto sem possibilidade de alçar vôo, de nada serve, e, se esse avião, por mais *high tech* que seja, não for operado por alguém para decolar, não funciona, isso vale para computadores também. Algumas escolas têm laboratório de informática ou de pesquisa em química e biologia, mas não funciona como tecnologia porque não é utilizado.

A tecnologia em sua evolução abrange todos os níveis de existência dos seres humanos. Desde a organização da cidade, a cobrança de impostos, comunicação entre as pessoas ao cuidado com a saúde. Produção e distribuição de riquezas a produção de conhecimentos. Nenhuma esfera escapa á influência da tecnologia. Feenberg diz que a tecnologia é como a religião só que mais fácil de seguir, pois ela nada exige de quem pretende ser seu adepto. Dai sua afirmação que:

“a tecnologia é ainda mais persuasiva que a religião, desde que não requer qualquer crença para reconhecer sua existência e seguir suas ordens. Uma vez que uma sociedade assuma o caminho do desenvolvimento tecnológico, será transformada inexoravelmente em uma sociedade tecnológica, um tipo específico de sociedade dedicada a valores tais como a eficiência e o poder.” (NEDEL, 2010, p. 47)

Não importa o viés de interpretação adotado, pode ser fenomenológico, sociológico, epistemológico, teoria crítica, substantivista, instrumentalista; o que fica evidente é que as tecnologias não podem mais, ou, nunca puderam ser dissociadas do ser humano como seu criador. E que, embora a tecnologia condicione os homens a viver de tal forma, ela não determina o modo de vida dos homens. Os homens transformam as tecnologias que o transforma de volta, deixando indeterminado quem é senhor e quem é escravo.

2.4 A emergência do “*homus academicus*” e o primado da ideias na constituição da riqueza.

Nas várias etapas do desenvolvimento humano ou evolução humana, como queira, em direção á sua humanidade, ele já foi nomeado de *homo erectus*, aquele que anda reto; *homo sapiens*, aquele que detêm sabedoria, sabedoria que nem sempre provém dele, mas emana de outro ser superior; *homo faber* porque labora na construção de coisas que lhe apetece; *homo*

ludens porque consegue brincar e se divertir e para isso cria jogos; *homo economicus* porque sistematiza, usando a racionalidade, leis para reger sua casa em relação à distribuição de bens consumo.

Primeiro eram nômades caçadores e coletavam apenas para subsistência caminhando errático sobre a terra em busca de mais alimentos. Depois, sedentário, organizado em torno da agricultura, um sistema que em vez de apenas recolher o que estava disponível na natureza tinham que trabalhar o solo, semear a semente, cuidar, aguardar, planejar, colher, estocar.

Uma nova racionalidade emerge com a agricultura, já não contavam apenas com a sorte e as dádivas da natureza, começavam a dominar a natureza forçando-a a fornecer o alimento em um tempo determinado. Era um sistema que exigia organização, certas habilidades e o aporte de tecnologias que eram perfeitamente dispensáveis aos homens coletores de caça. Não se ara o solo com a mão ou machadinha de pedra usada para abater cervos, é preciso criar algo mais específico para tal tarefa.

À princípio, eles se reuniram para praticar agricultura e se beneficiar das riquezas que o solo podia proporcionar, prosperaram, os membros da tribo aumentaram significativamente, surgiram os conflitos e espalharam-se de novo pela face da terra. Se os homens falavam a mesma língua, se partilhavam o mesmo objetivo não importa neste estudo, o que quero ressaltar é que o homem passou por várias transformações social, cultural, biológico e intelectual.

De caçadores coletores para subsistência a agricultores articulados, muita coisa mudou inclusive o modo de produzir e acumular e contar a riqueza, bem como o modo de constituir saberes válido. Durante vários séculos a predominância do *homo economicus* foi evidente. O homem próspero era aquele que administrava bem a fortuna herdada ou a riqueza constituída ao longo de uma vida.

A riqueza era medida pela quantidade de ouro que se tinha acumulado para as barganhas, como comprar fidelidade de exércitos mercenários, manter

a própria guarda pessoal, disponibilidade de vastas extensões de terras sobre a qual se tinha domínio, sem esquecer que era importante que essas terras estivessem bem povoadas por pessoas e com plantações e animais de corte.

A riqueza era assim, estática, ligada a terra, produzida pela terra, extraída da terra. Depois vieram os navios que deflagraram o mercantilismo, os produtos viajam, os intermediários lucram, entrepostos comerciais são inaugurados, a era do capital emerge. Grandes bancos, especuladores, mas, ainda assim o homem era econômico e a riqueza contada pelo ouro capacidade de produzir, armazenar, transportar. Era preciso ter capital inicial.

Nos dias hodiernos observa-se uma guinada nos modos de constituir riqueza, o *homo economicus* que detém o capital perde um pouco a primazia na produção de novas riquezas e surge uma nova possibilidade para os homens mudarem de estrato social. O saber passa a valer tanto quanto o capital e uma nova modalidade surge no horizonte dos negócios: o *homo academicus*. Aquele que detém o saber pode constituir riqueza porque idéias têm a mesma equivalência que o capital.

Não é de todo perdido ressaltar que a constituição de saberes não está mais restrita a mosteiros e os monges copistas não tem mais uma função capital na transmissão de conhecimento. Os próprios saberes que passavam de pai para filho, de geração em geração, não se sustentam mais e também é comum que o saber de um profissional importante no começo da carreira não tenha mais nenhuma validade ao término de sua carreira. O *savoir faire* mudou. Como afirma Lévy (1999) “não há mais ferreiros em cada cidade (...) e os modos de subjetivação dos grupos e pessoas adaptadas ao mundo antigo não são mais adequados”. Aquele que tem idéias leva vantagem sobre aquele que tem só o capital.⁴

⁴ Para referendar esta tese, serve como exemplo, o caso do aplicativo Facebook, quem tinha dinheiro era o cearense Eduardo Severino, Zuckerberg tinha só idéias, mas ninguém diz que Severino criou o Facebook; e também temos o caso do IBM que fabrica ou fabricava peças para computadores e outros aparatos e foi engolido pela Microsoft cuja linha de produção é software.

Tecnologia e sociedade: a metáfora museu. (moldura)

O mundo está mais rápido. Se há alguma figura de linguagem, metáfora, analogia ou parábola que melhor exemplifica a característica do tempo atual é a velocidade. Tudo se transforma rapidamente, o que é moda hoje é absolutamente obsoleto amanhã e já tem novidade batendo na porta, jogando para escanteio ou para lateral⁵ idéias, costumes mentalidades. Novos costumes aparecem, leis mudam estabelecem novos parâmetros de convivência e alteram até mesmo a vida dentro das quatro paredes sagrada e fechada do lar.

Não faz nem um século que fumar era charme, agora é cigarro é vetor de câncer e inúmeras outras doenças e pessoas que fumam em determinado ambiente se torna *persona non grata*. Ações de homens de que outrora eram consideradas normais, ou seja, dentro de um padrão tolerável de convivência e facilmente suportável acabaram por ganhar outros contornos, outras conotações. Foram aos poucos se tornando detestáveis, abjetas, execráveis, ou foram criminalizados.

Ontem era assim, agora não é mais, assim como não se encontra por aí muitas sociedades de caçadores coletores, porque a maioria das sociedades já se adaptou ao modo de vida sedentária, que pratica agricultura, não se encontra facilmente uma sociedade que tenha costumes milenares, porque a velocidade com que as coisas mudam é simplesmente avassaladora.

De acordo com CASTELLS (2000) “a tecnologia não determina a evolução histórica e a transformação social, mas o uso que se faz dela é determinante para a transformação da sociedade”. E as mudanças que as tecnologias informacionais produziram na sociedade deram celeridade aos fluxos de produção de bens, deslocamento de pessoas no espaço geográfico, informações, dinheiro, saúde, educação segurança.

⁵ É como uma referência a bola no jogo de futebol, quando ela é lançada pelos jogadores para um desses lados, ato seguinte é repô-la em campo. E segue o jogo. Também muitas modas são abandonadas e retomadas constantemente.

Quem morava no Brasil e desejasse viajar para Europa na época das grandes navegações deveria esperar o navio que aparecia regularmente em um determinado espaço de tempo, digamos três meses, os navios ficavam por alguns dias atracado em um porto, negociando algumas mercadorias trazidas de além mar e depois compravam novidades de cá e só depois arremetiam ao oceano em uma viagem longa e cheia de percalços que só os deuses – se pudessem – sabiam se chegariam ou não ao destino.

Felizmente, quem quiser ir a Europa, Japão, Austrália, ou para Indonésia, nos dias atuais é relativamente simples, passaporte, uns cliques de *mouse*, passagem reservada, *check in* no aeroporto e algumas horas depois o passageiro desembarca no seu destino. É tudo tão rápido que posso tomar meu café em Brasília e jantar em Paris para fechar negócios.

É mais fácil ainda quando se trata de consultar arquivos de cunho histórico, jurídico ou religioso, ou de qualquer outro matiz. Houve um tempo em que o bom pesquisador que quisesse apresentar alguma coisa de substancial em sua pesquisa deveria ir ao local físico onde estava armazenada sua fonte, bibliotecas no exterior eram requeridas com freqüência e não havia alternativa senão efetuar o deslocamento. Quem quiser nos dias atuais consultar um arquivo daqui ou de ultramar, basta digitar alguns caracteres na tela de um computador e os documentos podem ser consultados, apropriados, mudados, copiados.

Riqueza não mudava de lugar facilmente, mesmo que fosse dinheiro em espécie ou pedras preciosas. Era preciso que as cédulas ou moedas, barras de ouro ou qualquer outra coisa fosse levado para o local da negociação para concluir o fechamento de qualquer acordo. Isso podia levar meses de jornada, com medo de salteadores ou quaisquer outros eventos. Agora é possível comprar uma garrafa de *whisky The Macallan* de um site do Canadá, efetuar o pagamento com cartão de crédito, que a mercadoria será despachada assim que confirmar o pagamento e isso pode levar menos de dez minutos.

Mas, a tecnologia que proporciona essa velocidade e produz grandes transformações sociais, muito embora condicione o modo viver de uma população em determinado lugar, ela não determina o modo de viver dessa população. Como a moldura do quadro no museu serve de limites para o quadro, adorna o quadro, entretanto, a moldura não determina o valor do quadro.

Mesmo sendo afetado a partir de dentro por vários aportes tecnológicos uma sociedade conserva seus valores, sua cultura, mantém sua afetividade e sua sensibilidade estética, tecnologias vão e vem, outras mais eficientes, mais rápidas, o que fica, são aqueles que a utilizam: os homens. (cf LÉVY, 1999; p. 25-27).

2.5 Tecnologia e sociedade: *Metáfora do hipertexto*

O que é um hipertexto? O que isso tem a ver com a sociedade? E como pensamento filosófico pode ser afetado pelo hipertexto? São algumas questões que se pretende encetar explicações na tentativa de definir ou entender o que é o hipertexto e suas implicações na sociedade.

Hipertexto é uma palavra que remete um texto ao que se agregam outros conjuntos de informações na forma de blocos de textos, sons, palavras, imagens cujo acesso se dá através de referências específicas no meio digital.

Um hipertexto pode ser alterado por qualquer pessoa, todas as ações são importantes, todos podem contribuir. A ação de cada um pode afetar a todos. O caráter sociotécnico do hipertexto fica evidente quando no âmbito dos relacionamentos sociais a atitude de cada um diz respeito a todos. Somos afetados pelas ações de outros, sejam elas boas ou más, positiva ou negativamente quando alguém decide agir sofremos os efeitos.

Mas, não é só com o surgimento de computadores com interface amigáveis que a humanidade lida com hipertextos e possibilidade de inserir mudanças em algo que já encontra publicado. Mesmo quando o conhecimento era restrito aos mosteiros e os monges manuseavam textos antigos e

preciosos, devido sua raridade, cada vez que um pergaminho era lido, iam acrescentando anotações que passavam a fazer parte do texto, ou seja, qual fosse o material utilizado para transmitir e fixar o saber produzido, esse documento era alterado. Um erro do copista e tínhamos hipertexto. Como toda tradução é uma traição, cada vez que um texto é vertido de uma língua para outra, o texto sofre inúmeras alterações que se assemelha ao fato de alguém burilar um texto no editor Word ou Br Office.

Mesmo quando não havia tradução, um bom leitor de um texto antigo fazia anotações em suas margens, dado a importância dessas anotações para o entendimento do texto, esses acréscimos passavam a fazer parte da obra. Uma obra de Aristóteles como o *Organon*, no decorrer do tempo tinha várias anotações que se tornava com um livro escrito por muitos autores.

Para simbolizar como o hipertexto tem características em comum com a sociedade LÉVY afirma que:

“os processos sociotécnicos, sobretudo, também tem uma forma hipertextual, assim como vários outros fenômenos. O hipertexto é talvez uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo.” (LÉVY, 1999, p. 13)

E por isso hipertexto pode ser definido como algo portador de pelo menos seis princípios que remetem a uma idéia que esses mesmos princípios podem ser aplicados à sociedade, são eles: princípio de metamorfose, de heterogeneidade, de multiplicidade, de exterioridade, de topologia e de mobilidade.

O hipertexto está em constante construção e renegociação. Assim como a sociedade, em vários aspectos, está em constante mudança, nada se encontra definitivamente pronto ou definitivamente dado, todos os aspectos da sociedade estão abertos á metamorfose, a política de tempo em tempo dá uma guinada, para direita, para esquerda ou para o centro, a única coisa que é certa em política é que não permanecerá muito tempo de uma mesma maneira. Isso vale para artes, ciências, filosofia, cultura. Ora arte abstrata, depois impressionista, expressionista, dadaísta, realista.

Nas ciências um experimento aqui, outro ali, o que era evidente hoje se torna questionável amanhã, politicamente incorreto no dia depois de amanhã. Filosofia ora o objeto é o centro irradiador de conhecimento, depois o sujeito é que lhe confere significado; depois o homem nasce com as idéias, no mínimo são outorgadas por Deus, ou um deus qualquer, depois ele é uma tabula rasa cujo saber vai sendo inscrito em sua memória através de suas experiências. Mas, em qualquer caso nada há na inteligência que não tenha passado pelos sentidos.

Já a cultura é caldo de tudo isso, das artes, da ciência, da religião, da filosofia de um determinado povo, acaba por criar traços característicos que indicam que um grupo social tem semelhanças que o tornam participantes de uma sociedade. Esses princípios que condicionam e possibilitam a identificação desse grupo está sempre mudando, sendo alterado por uns e outros, se metamorfoseando e sendo metamorfoseado pelos atores envolvidos, sejam eles quais forem: humanos, palavras, imagens, traços de imagens ou contextos.

Uma sociedade sempre foi e sempre será heterogênea. Há disparidade de idéias, de classes sociais, princípios, gostos, religiões, posições políticas e orientações diversas que não podem ser classificadas sem levar em conta as contradições vigentes. O próprio princípio de democracia tão caro para as sociedades atuais traz no seu interior o dissenso como um fator importante para sua consolidação, e não o consenso. As redes hipertextuais são heterogêneas, em seu interior serão encontradas imagens, palavras, sons, diversas sensações, modelos com conexões lógicas ou afetivas; suas mensagens são multimodais, multimídias; analógicas ou digitais. Tudo está em jogo.

Hipertexto se constitui a partir de múltiplos lugares. Não há um centro de irradiação que determina o que será processado nos hipertextos e nem quem defina o que ele se tornará em última instância, tudo se transforma de modo fractal. A propagação de um hipertexto é imprevisível e transita de uma escala para outra sem a possibilidade de controle, assim como uma vírgula em tratado

internacional pode alterar a vida de milhões de pessoas. Tanto a sociedade como o hipertexto é dotada do princípio de multiplicidade.

Dentro de uma determinada sociedade elementos que lhes são externos influenciam fortemente em sua constituição. A descoberta de uma nova molécula muda tudo, o surgimento de uma nova bactéria ou vírus altera o modo de agir, viver e pensar de toda uma geração. O princípio de exterioridade condiciona tanto o hipertexto como a sociedade, pois nenhum deles detém uma unidade orgânica, mas, dependem de adições e novos elementos e seu crescimento ou diminuição é ditado por elementos que lhe é exterior.

A sociedade não está em determinado espaço, ela é o espaço e, ou se utiliza dela como se encontra configurada ou não resta outra opção, a não ser modificá-la. Em uma sociedade qualquer não há lugar para o universal homogêneo. Tanto na sociedade como no hipertexto tudo se desloca, se liga ou se separa dentro de uma topologia.

Nem na rede hipertextual nem na sociedade não há centro. Mas são dotados de diversos centros que mudam constantemente engendrando outros centros. Aqui e ali vão se transformando, se reconfigurando. O que faz com que a sociedade seja interessante é o fato dela ser dotada de um princípio de mobilidade. As coisas estão em constante devir, na sociedade e na rede hipertextual “ninguém banha duas vezes no mesmo rio”. O rio já não é o mesmo, as águas já se foram e quem está voltando já foi transformado por algum evento. O que podemos fazer é navegar nesse rio chamado hipertexto, porque ele é dinâmico e está em perpétuo movimento.

2.6 A Ecologia cognitiva e novos sujeitos do ciberespaço.

Não pensamos só como um átomo isolado e autônomo, pensamos porque estamos inseridos em determinado espaço geográfico, que nos fornecem as condições de possibilidade de pensarmos de tal forma e não de outra. Se o pensamento fosse fruto da razão apenas pessoas submetidas a diferentes climas, culturas, espaço geográfico, não se importando com a época teriam condições de pensar da mesma forma. René Descartes poderia ter

crescido entre os alemães ou chineses que teria escrito “O discurso do método”.

É preciso um espaço propício para que um determinado tipo de pensamento floresça, faltando as condições adequadas falece a possibilidade de se pensar desta ou daquela forma. De acordo com LÉVY

A inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou "eu" que sou inteligente, mas "eu" com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais (dentre as quais, o uso da escrita). Para citar apenas três elementos entre milhares de outros, sem o acesso às bibliotecas públicas, a prática em vários programas bastante úteis e numerosas conversas com os amigos, aquele que assina este texto não teria sido capaz de redigi-lo. Fora da coletividade, desprovido de tecnologias intelectuais, "eu" não pensaria. O pretense sujeito inteligente nada mais é que um dos micro atores de uma ecologia cognitiva que o engloba e restringe. (LÉVY 1999: p. 83)

A idéia de ecologia cognitiva remete a figura de um espaço onde a palavra *ecologia* aponta para existência de relações, interações, diálogos entre diferentes organismos, vivos ou não vivos, enquanto a palavra *cognitiva* aponta para sua relação com um novo conhecimento. Assim, a busca por uma nova *ecologia cognitiva* deve envolver outra dinâmica de relações entre sujeitos, objetos e meio ambiente, que propiciem outras formas de perceber e entender os processos de construção do conhecimento...

Entretanto, aqui quando tratamos de ecologia cognitiva, que remete a Maturana e Varela e suas pesquisas realizadas nos anos 1960 e 1970 não estamos falando necessariamente dos aspectos biológicos aventados por esses autores, trata-se mais das questões voltadas para cibernética defendida e difundidas por Gregory Bateson. A idéia é demonstrar, mesmo que minimamente como as técnicas, tecnologias e principalmente a informática incide no modo de se constituir das pessoas possibilitando a emergência e a constituição de novos sujeitos.

As técnicas agem diretamente sobre a ecologia cognitiva (cf LÉVY 1998, p. 89) visto que um ambiente não é composto só de flores, plantas, rios. Temos

que admitir que um ambiente qualquer é formado por cimento, estradas e prédios que são inegavelmente frutos dos avanços tecnológicos e também principalmente por humanos. Nesse caso uma ecologia cognitiva como entendida não floresce sem a presença dos aspectos técnicos, tecnológicos e informáticos, visto que de acordo com Levy:

“o meio ecológico na qual as representações propagam é composta por dois grandes conjuntos: as mentes humanas e as redes técnicas de armazenamento, de transformação e de transmissão das representações”. (1999. p. 84)

O espaço propício para pensar ou ecologia cognitiva se forma, tal como na informática de uma interface, outra ali. Ninguém fez o computador em uma oficina qualquer do mundo, a oficina era o mundo, vieram de todas as partes, vários cérebros, mas para que o computador pudesse germinar, crescer, florescer e, eventualmente dar frutos, precisou de um ambiente favorável, das interações corretas, processos sociotécnicos adequados. Ninguém pensa sozinho como uma criatura atomizada, mas, seu pensamento é moldado pelo meio em que vive e os computadores fazem parte do meio que o ser humano vive. Essa relação é tão intensa que alguns já se perguntam:

Quem pensa? Não há mais sujeito ou substância pensante, nem "material", nem "espiritual". O pensamento se dá em uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores se interconectam, transformam e traduzem as representações. (LÉVY, 1999; p. 83)

Estamos diante de um novo modo de constituição de sujeitos. Um sujeito artificial, interativo com o meio em que vive através das máquinas que ele cria, a vida é agora formado por redes, nós é que temos que navegar porque somos habitantes da terra, mas, vivemos sob o influxo de rio formado pelo dilúvio informacional, somos parte de uma rede e:

“as redes (...) não respeitam as distinções estabelecidas entre coisas e pessoas, sujeitos pensantes. e objetos pensados, inerte e vivo. Tudo que foi capaz de produzir uma diferença em uma rede será considerado como um ator, e todo ator definirá a si mesmo pela diferença que ele produz. Esta concepção do ator nos leva, em particular, a pensar de forma simétrica os homens e os dispositivos técnicos. As máquinas são feitas por homens, elas contribuem para formar e estruturar o funcionamento das sociedades e as aptidões das pessoas, elas muitas vezes efetuam um trabalho que poderia ser feito por pessoas como você ou eu. Os dispositivos técnicos são,

portanto realmente atores por completo em uma coletividade que já não podemos dizer puramente humana, mas cuja fronteira está em permanente redefinição. (LÉVY, 1998; p. 84)

2.7 O sujeito planetário possibilitado pela tecnologia

Kant é um dos principais expoentes do Iluminismo cujos ideais podem ser resumidos como o triunfo da razão sobre a ignorância em um reino de liberdade onde o homem racional seguiria sua marcha em direção a emancipação. O império da razão Iluminista é a razão que guia. Esse homem, idealizado pelos Iluministas, não seria daqui ou dali, alemão ou chinês. Seria um sujeito portador de razão e cidadão do mundo. Cosmopolita. Porque ele não seria condicionado pela cultura ou qualquer outra maneira de designar o ser humano, sua característica fundamental seria a posse e a capacidade de usar a razão.

De muitas maneiras isso representava um grande passo para a humanidade, pelo menos para a parcela pensante e preocupada com o humanismo, ou com idéia de que o ser humano deve ter um norte para onde se dirige, não obstante os vários obstáculos que ele enfrenta durante sua jornada. Por outro lado a idéia de um cidadão do mundo portador de razão, guiado pela razão esbarrava na idéia de que esse cidadão se tornava um homem sem raízes, inserido numa coletividade onde atos humanitários tinham mais peso que a individualidade e com isso a personalidade se esmaecia.

Como contrapeso a esse modo de pensar o romantismo preconizava uma forma de vida onde cada indivíduo era tido como centro do seu mundo, suas dores, suas frustrações e seus sonhos valiam tanto quanto o da humanidade inteira, porque a experiência pessoal, principalmente no amor é que movia o mundo. E não somente isso, o homem deveria ser planta do solo em que vive, amar a terra em que ele nasceu sendo dotado de razão e de paixão com a mesma intensidade, procurar o desenvolvimento do local de seu nascimento e chamá-la de “pátria”. A consolidação dos estados nacionais com uma identidade que lhe conferia pertença deve muito ao romantismo.

Entre idas e vindas, diásporas e agregação em torno de um bem comum; sedentário ou nômade, homem enquanto ser que deve se constituir como tal, vai mudando e se moldando, criando e sendo transformado pelas suas invenções. Portador de técnicas, usuário de tecnologia cuja evolução desemboca na informática na contemporaneidade, parece que agora o ser humano reúne nele todas as características que ele compartilhou ao longo de sua história. Ele não é nômade nem por conta das grandes migrações pendulares, ao mesmo tempo em que ele não é sedentário porque pertence a determinado grupo social onde tem suas raízes. Os nômades não tinham campos nem cidades. Agora o homem é móvel. (Lévy s.d.).

Ele é patriota, pois pertence à determinada nação e goza de uma individualidade ímpar e sem precedente que beira ao egoísmo e ainda assim é cidadão do mundo que participa de uma coletividade sem precedente. A comunidade virtual. Enfim cosmopolitas.

Nunca se viajou tanto, para divertir ou trabalhar. Esta época se encontra diante de diversidade sem paralelo de opções para comer, beber, vestir, ver e ouvir. Em um mesmo mercado há pessoas, frutas, frutos do mar e flores de vários rincões do mundo. E, é claro, pessoas de todas as partes. Partilhamos da mesa mundial. Da moda mundial. Da opinião pública mundial. A informática com interfaces amigáveis nos permite acessar e relacionar e, acima de tudo, entender pessoas oriundas de várias partes do mundo.⁶

Dirige-se carro com a mesma tecnologia no Brasil ou na Alemanha. É possível apreciar pinturas, ver filmes transitando a mesma auto estrada infoviária com pessoas de origens diversas, sentir a mesma dor, ser influenciados pelas mesmas emoções. Ser desportistas não de um time do bairro, mas de qualquer clube do mundo: Real Madrid na Espanha; Al Ali no Qatar ou Guangzhou na poderosa China. Enfim a civilização se tornou mundial e há cidadãos do mundo, mesmo aqueles que se recusam a sair do seu mundo. Enfim interplanetários.

⁶ Através do Facebook ou outro aplicativo qualquer é possível manter um canal aberto de comunicação com pessoas de qualquer língua usando o Google Translate.

CAPITULO 3

TECNOLOGIA E ENSINO

3.1 A relação da tecnologia com a escola.

Este capítulo se dedicará agora de forma mais específica para um outro ponto da pesquisa que é investigar a possibilidade do uso de aparelhos móveis, mais especificamente o Smartphone, como ferramenta de auxílio no ensino de filosofia no ensino médio. Essa longa digressão foi uma tentativa de demonstrar como a tecnologia está presente em todos os segmentos sociais. A escola faz parte da sociedade e não poderia de forma alguma ficar de fora. Não está de fora. A escola, o ensino, o aprendizado, a educação como um todo são afetados de maneira incontornável pelos aparatos tecnológicos.

É importante entender que há outros aparatos considerados tecnológicos que aportaram na escola e alteraram profundamente o modo de fazer educação. Uma caixa amplificadora e um microfone possibilitam ao professor falar para uma quantidade enorme de alunos de que, outra forma seria impossível. Quando se troca um quadro negro por lousa de acrílico quadriculada melhora sensivelmente a vida do docente. São tecnologias. Energia elétrica na escola já melhora sensivelmente a qualidade de vida e facilita o ensino.

Mas, estamos na era da informática, da cibercultura, do WWW.com, quem pensa com mais clareza e decifra códigos binários sai na frente, melhor, quem cria códigos, quem manipula programas e cria novas interfaces são os novos mandatários da era contemporânea.

A informática com suas interfaces amigáveis facilita o trabalho dos bancos, emissoras de TV, montadoras de veículos estão presentes no campo produzindo grãos, armazenando, distribuindo; compõe a logística de grandes empresas de extração de petróleo em alto mar e torna possíveis viagens ao espaço sideral. Por que não estaria presente nas escolas, o lugar onde tudo começa, onde acontece o primeiro contato da criança com a sociedade fora do seio da família.

Quando se trata de tecnologias e seu uso para fins educacionais Paulo Freire já salientava na década de 1980 que a televisão poderia se tornar um importante instrumento que poderia ser utilizado para letramento. O aluno que eventualmente, assiste a algum programa de televisão, viria para escola com alguma bagagem. Esse conhecimento fora de escola adquirido de forma alguma pode ser controlado pelo professor. (VOLTOLINI 2016). Esse saber adquirido fora da sala de aula foi chamado de “escola paralela”.

Serres (2009) defende a idéia de que os alunos já não são mais os mesmos, houve uma significativa mudança na maneira como os estudantes vêem o mundo e, portanto não tem mais sentido tratá-los como se nada tivesse mudado. Se antes o aluno era um ouvido atento e uma boca silenciosa, hoje não mais. Se outrora o aluno era aquele que não sabia frente a mestre detentor do saber, agora já não se pode contar com a presunção de ignorância. Aliás, não se pode sequer contar com a boa vontade dos estudantes para ouvir o que o docente tem a dizer visto que é provável que ele já saiba isso por outros meios. Não se trata de se adequar a qualquer a custo aos modismos, mas de utilizar recursos disponíveis na sociedade, principalmente porque vivemos na sociedade da informação.

Não se trata apenas de analisar como os estudantes lidam com novos aportes tecnológicos, mas também de verificar como os docentes lidam com essa questão que muda completamente a relação de ensino aprendizagem e conseqüentemente a muda a dicotomia mestre e discípulo, agora não se trata mais de ensinar a alguém, mas de aprender com alguém.

Pensando nos atores envolvidos na questão referente à tecnologia, mais precisamente tecnologia da informação e aquelas voltadas para computadores com acesso à internet, cabe analisar primeiro a situação da escola que recebe o aporte dessas ferramentas; depois o envolvimento do docente e o possível uso que se faz desses recursos e por fim, como o estudante, -que é a finalidade da escola- lida com todas essas invenções.

Com o aporte de novas tecnologias no contexto social e por tabela no contexto escolar a função do docente está em xeque. O papel do professor era de detentor do saber, enquanto ao aluno restava aquela parte que ele deveria absorver o conhecimento que o mestre iria lhe repassar já não cabe mais em nenhuma escola. No contexto dessas novas tecnologias o professor deve atuar mais como um orientador pedagógico do que como um detentor do saber. O que deve ficar claro é que o docente já não deve atuar mais como o detentor exclusivo do saber e sem mais tardar proceder a uma revisão de sua função.

De acordo com Serres (2010) a função do docente está em xeque porque sua atividade proeminentemente mais importante era transmitir o saber, mas como transmitir um saber que já está disponível para todos, jorrando através de dilúvios informacionais para todo e qualquer navegante disposto a surfar na rede e isso deixa claro que “ninguém mais precisa dos porta-vozes de antigamente, (...) é o fim da era do saber” (SERRES. 2010, p. 45).

Era também função do docente manter a disciplina na sala de aula, um aluno por cadeira, uma cadeira para cada aluno, corpos eretos, ouvidos atentos, silêncio e contrição eram exigidos como parte do ritual para se chegar ao saber. Mas agora com o saber descentralizado, emergindo de todas as partes numa multiplicidade caleidoscópica o estudante que Serres (2010) chama de “Polegarzinha” já não se contém, gesticula, conversa, move-se de um lado para outro, e mesmo cada um em seu lugar trocam, mensagens, “se livram das correntes da Caverna multimilenar que os prendiam, imóveis e silenciosos no lugar, bico calado, rabo sentado” (SERRES, 2010; p. 49). É o fim da disciplina. O estudante não quer mais ser um passageiro sentado no veículo conduzido pelo professor, ele quer assumir o leme.

Entre as tarefas mais dignas do professor está a missão de transmitir o ensino àqueles que nada sabiam. O aluno era o “sem luz” e ao assumir seus lugares no espetáculo cada ator desempenhava um papel: o professor portador de saber falando a um público presumidamente incompetente e ignorante. Com advento de novas tecnologias se instaura a inversão da presunção de ignorância. Especialistas em história natural não podem ignorar o que dizem *on*

line os fazendeiros australianos sobre escorpiões, e oncologista aprendem mais em blogs de mulheres com câncer de mama do que aprenderam em todos os anos de faculdade. (Cf Serres, 2010, p. 76). Qualquer pessoa tem tanta informação, capacidade de decisão, ciência a sua disposição como o figurão que discursa de uma cátedra.

Então, o que resta ao professor, ele deve ser dotado da capacidade de se adequar, os estudantes demonstram novas habilidades cognitivas que podem ser exploradas para potencializar o conhecimento, é sabido que jovens não se importam mais com memorizações, a memória agora é externa, HD de um *terabites* ou na nuvem. Outro fato interessante sobre o processo cognitivo dos jovens decorre da idéia de que já não pensam mais com a cabeça, mas com os polegares, daí a designação Polegarzinha.

Para completar a dificuldade dos professores diante da sua função de ensinar na era da informação, ainda existe a complicação levantada por Marc Prensky que aponta que docentes são para alunos como imigrantes tentando ensinar a língua naterna para os nativos. Prensky utiliza as nomenclaturas: imigrantes digitais e nativos digitais para diferenciar professores que nasceram na era pré internet em comparação com estudantes que vieram ao mundo já desfrutando suporte informacional de rede indicado pela sigla WWW (World Wide Web).

Nesse aspecto, o grau de dificuldade do docente assemelha-se ao de uma pessoa qualquer que veio de outro país, um imigrante e quer ensinar aos nativos do local sobre os seus costumes, sua língua, não se pode esperar nada além de uma gafe fenomenal que, sem dúvida beira o desastre.

E para finalizar, indicando que o docente deve se atualizar ou como diz Cerletti é preciso de um *aggiornamento* (atualização) cumpre salientar que quando se trata do uso de novas tecnologias na educação, mais precisamente na escola ou no caso que está sendo abordando aqui, no ensino é possível apontar três falhas que podem ocorrer desde a formação do professor no

tocante ao uso de novas tecnologias: a falha de propósito, a falha de método e falha de significado. (apud Carneiro 2005).

A falha de propósito se dá quando na formação do docente em relação ao uso do computador aparece como um imperativo sem questionar o porquê isso deve ser inserido na prática docente, nem levar em conta o que os professores querem e o que eles realmente precisam saber. É como se professores e alunos devessem adaptar-se ao computador e não o contrário. Deve-se ressaltar que não importa o quanto o computador é importante, continua sendo uma ferramenta a ser utilizada para auxiliar no processo educativo.

Em seguida vem a falha do método, pois quem planeja e executa curso para docentes não se preocupa efetivamente como as pessoas adquirem habilidades no uso de tecnologia e nem como efetivamente aprendem, aprender a usar o teclado e a processar um texto ajuda a desenvolver estratégias metacognitivas que jamais são levadas em conta no planejamento dos treinamentos.

A falta de significado decorre da observação de que algumas propostas para uso de computadores, tecnologia em geral pode confundir os professores que estão iniciando seu aprendizado em informática para educação, pois alguns cursos não vão além da instrumentalização quando deveria conscientizar o docente a privilegiar a construção de sentido sobre esse uso e sobre suas implicações no processo educacional.

Quando o docente não entende o significado e nem vislumbra as possibilidades que as novas tecnologias podem proporcionar, ele acaba por sofrer uma reação em cadeia, que pode ser:

1. Insegurança gerada pela falta de domínio no uso dos recursos tecnológicos e pelo senso comum ainda vigente de que o professor é o “dono” do conhecimento a ser transmitido;

2. Medo de danificar equipamentos de custo elevado, fazendo com que muitos dirigentes não permitam o acesso aos laboratórios de informática ou mantenham os equipamentos (comprados ou recebidos através de projetos como os do MEC) lacrados, até que chegue à escola alguém que efetivamente “saiba” usá-los;
3. Dualidade entre as condições da escola e dos alunos e as condições socioeconômicas do professor, que muitas vezes não pode adquirir um equipamento para trabalhar em casa e depende da disponibilidade de acesso ao laboratório da escola para aprender a usar os recursos;
4. Preconceito contra o uso do computador, comparando o investimento na tecnologia com as dificuldades salariais ou a falta de merenda na escola;
5. Medo diante da possibilidade que a tecnologia tem de gerar ou favorecer mudanças nas estruturas escolares rígidas e estáveis, a partir do potencial problematizador e gerador de rupturas da informática;
6. Receio da multidisciplinaridade que invade a sala de aula, já que dificilmente o professor fica sozinho no laboratório de informática. Assim, aquela que era a *sua sala* de aula, passa a ser compartilhada com *outros* (professores, técnicos, etc.), gerando insegurança e medo de se expor.
7. Acomodação pessoal e profissional, pois o uso da tecnologia obriga o professor a repensar em sua prática e *dá trabalho* preparar novos materiais e novas aulas. (Carneiro, 2005)

Mas, nunca é demais lembrar que nenhum computador ou qualquer tipo de tecnologia substitui o docente, pelo contrário valoriza seu trabalho e acima de tudo facilita. Novas tecnologias devem ser tratadas como realmente são: ferramentas facilitadoras.

3.2 As tecnologias móveis e o ensino de filosofia

Esse novo aluno, essa jovem estudante nunca viu um bezerro, uma vaca, uma ninhada, um porco. (Serres)

O propósito deste capítulo é verificar sobre a necessidade de aparatos tecnológicos para ensinar filosofia no ensino médio. Conclui-se facilmente que não há necessidade, é possível ensinar filosofia, independente do uso de tecnologias, exceto dos livros. Mesmo quando se trata de novas tecnologias o docente prescindir delas e ensinar de forma razoável. Mas formulando melhor a proposição talvez devêssemos perguntar, é preciso usar as novas tecnologias para ensinar filosofia? A resposta novamente seria não. Mas é possível usar as novas tecnologias, principalmente as digitais, para ensinar filosofia? Provavelmente a resposta será sim!

Devo ressaltar que esta pesquisa não entende por técnicas, ou tecnologias apenas computadores, isso já foi demonstrado anteriormente, mas todo e qualquer aparato criado pelo homem para auxiliá-lo de alguma forma, seja na apresentação do trabalho, na facilitação de exposição do conteúdo, tais como livros didáticos e quadro negro, acrílico ou de vidro e finalmente quadros digitais. Aqueles aparatos que auxiliam a memória, como os diários de papel que armazena as notas ou frequência dos alunos, apesar de atualmente a maioria das escolas utilizem diários *online* atualizados diariamente.

Então, que fique bem definido que esta pesquisa entende por tecnologias aquelas invenções humanas criadas para auxiliá-lo na tarefa a ser desenvolvida no dia a dia do processo educacional, e que isso acaba por mudar sua forma de pensar e ver e mundo até que um dia ele acabe por pensar que ele não poderia existir sem isso ou viver de outra forma.

Quando se trata de uso de tecnologia como ferramenta facilitadora dos processos educacionais na contemporaneidade, nos encontramos na terceira fase desse processo que é difícil prever onde irá parar. Voltolini (2016) citando Sharples informa que há três eras de aprendizados mediados por recurso da comunicação.

Na primeira, a era da alfabetização em massa, o livro foi o meio de instrução, e o objetivo principal do sistema de educação era a transmissão de informação. Na segunda, a era do computador, a educação é reconceituada em torno da construção do conhecimento através da modelagem de informações, processamento e interação. A terceira é a era da tecnologia móvel, onde a educação é concebida como uma conversa em contexto, habilitada pela interação contínua através da tecnologia pessoal e móvel. (VOLTOLINI, 2016. p. 18)

Para este momento da pesquisa o foco é a terceira fase do aprendizado mediado por aparatos tecnológicos de última geração, doravante denominado aparelhos móveis, sendo mais específico: *Smartphone*, palavra que em inglês significa telefones inteligentes.

Sobre o assunto da formação do docente e sua capacidade de lidar novas mídias as Diretrizes Curriculares Nacionais, parecer nº CNE/CES 492/2001, homologado e aprovado em 03/04/2001, prevê, entre as habilidades e competências do futuro licenciado, a necessidade do desenvolvimento da “competência na utilização da informática”, ao passo que a nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC) lista entre as competências gerais da educação básica no item 5.

Compreender, utilizar e *criar tecnologias digitais de informação e comunicação* de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018, p. V)

A preocupação com as tecnologias digitais já estão presentes nos documentos oficiais e também em alguns trabalhos específicos de mestrados e doutorados, livros como os de Vani Kenski. Como aqui tem o objetivo de tratar de uma tecnologia específica que é o celular, e dentre os tipos de celulares, destacar o *smartphone* que, como já foi dito, em inglês significa telefone inteligente, será feito um recorte.

De início será dado destaque a algumas objeções que comumente se faz, principalmente por docentes, em relação ao uso de celular em sala de aula; em seguida será feita uma demonstração com base em trabalhos já publicados como é possível usar, com relativa vantagem para o ensino, celulares em sala de aula.

O uso de celular em sala de aula, ainda mais quando se trata de *smartphone* que é um aparelho multimídia, porque além de fazer ligações telefônicas ele traz acoplado em sua memória uma infinidade de aplicativos que com o auxílio da internet, disponibiliza para o proprietário acesso ilimitado a músicas, vídeos, fotos, e possibilidade de relacionar com quem ele quiser em qualquer lugar do mundo, desde que, é claro, tenha acesso a internet.

Exatamente por isso o *smartphone* se torna um empecilho para o ensino na visão de muitos educadores, por ser aparelho portátil, pessoal e cheio de recursos, ele acaba por desviar o foco do estudante, nesse aspecto os educadores reclamam, e não sem razão, de que o aplicativo móvel é um poderosíssimo elemento de distração e argumentam também que o celular está mais ligado á diversão que ao ensino propriamente dito, e como os *smatphones* são aparelhos pessoais, o docente não pode ter o controle do que é acessado pelos estudantes mesmo quando ele é usado para fins pedagógicos.

Então cumpre fazer menção de uma questão, que preocupa muito os educadores, que é a questão do bullying. Na era anterior ao celular, os alunos que sofriam perseguição de algum valentão na escola, tinham o fim de semana como um alívio, porque durante esse período ele se livrava das arrelias do dito cujo. Mas com a tecnologia informacional que permite que todos fiquem conectados o tempo todo, um com todos, todos com um e todos com todos, esse descanso já não é mais possível. Ou quem sofre *bullying* abre mão de ficar conectado ou seu sofrimento se estenderá indefinidamente, sem o alívio de fim de semana.

Dificuldades a parte, falta de controle de acesso, uso descontínuo e excessivo por parte dos estudantes, vícios em redes sociais, isolamento de relações pessoais presenciais são coisas que não se pode evitar, toda novidade tecnológica que surge como solução traz no bojo outros tantos problemas que, de forma alguma impede que o *smartphone* seja uma ferramenta utilizável para potencializar o ensino.

Não é de estranhar que alguns docentes reclamem que, por conta da presença maciça do celular os alunos ficaram dispersos e não prestam mais atenção em nada, mas isso não é novidade em parte alguma, pois como afirma Serres (2015) ninguém mais ouve ninguém, então como exigir silêncio reverente dos estudantes se:

“Os próprios professores tagarelam quando diretor fala com eles. Os internos conversam enquanto o médico chefe perora. Os soldados falam enquanto o general comanda. (...) não se vê uma única reunião de adultos em que não se ouça o mesmo vozerio descuidado. (SERRES, 2015, p. 68).

No entanto, é possível elencar vários bons motivos para adoção do *smartphone* como uma ferramenta útil para ser usada no ensino, pois de acordo com Cònsolo (2008) suas características mais marcantes são: acessibilidade, portabilidade, mobilidade e conectividade.

O *smartphone* é um aparelho acessível porque pode ser visto nas mãos da maioria dos alunos que freqüentam escola pública, independente de sua cor ou estrato social do qual é oriundo. Os aparelhos podem até diferir no preço, mas invariavelmente, não se distanciam muito no que se referem a recursos multimídias, fotos, vídeos, músicas, chamadas telefônicas, redes sociais possibilitadas pelo acesso à internet entre outros, compactados em um pequeno aparelho.

Devido ao seu tamanho reduzido pode ser facilmente transportado no bolso e nesse aspecto leva grande vantagem sobre o computador pessoal (PC) que precisa de um ponto fixo para ser instalado por conta do seu tamanho e da necessidade de estar constantemente ligado a uma tomada de energia. É mais versátil também que os notebooks que, embora facilmente transportável, suas dimensões não permitem que sejam no bolso e sua mobilidade lhes restringe a conectividade. Isso justifica sua portabilidade.

A mobilidade não lhe é atribuída apenas porque pode ser transportado de um lado para o outro, mas pelo fato de não perder suas características utilitárias enquanto passeia no bolso de alguém, os notebooks podem ser facilmente levado de um lado para outro, mas nesse meio tempo, ele não pode

ser utilizado. Ao passo que os aparelhos móveis, no caso aqui o *smartphone*, enquanto você se move suas atividades continuam.

Quanto se trata do *smartphone* sua acessibilidade não diz respeito apenas ao quesito de adquirir o aparelho, mas também pelo acesso à internet, ou seja, é um produto que tem acesso constante e permanente a redes sociais, que justifica que um dos seus atributos mais notáveis seja a sua conectividade. Com os aparelhos deixa de existir a idéia de entrar ou sair da internet, pois a maioria das pessoas estão constantemente ligadas à internet, 24 horas por dia, 7 dias por semana. (Cônsolo, 2008. P. 44).

Por conta dessas características os aparelhos criam um espaço híbrido e cultura nômade, ou seja, um evento em que as pessoas estão ao mesmo tempo em um espaço físico real, mas conectado com o mundo virtual, essa ação ressignifica o conceito que ubíquo que antes se entendia por algo que está em toda parte, mas não tinha nada a ver com a onipresença da divindade, agora de acordo com Higuchi (2011) ubiquidade é a possibilidade de estar ao mesmo tempo conectado e em movimento e presente tanto no espaço virtual como no físico.

O *smartphone* possibilita essas situações de acessibilidade por ter um preço relativamente baixo na compra e também na manutenção, fácil de carregar no bolso, móbil e com excelente conectividade. Por isso é sucesso absoluto entre os adolescentes. Não só entre adolescentes, mas em todos os segmentos sociais desde o setor especulativo como os bancos, meios de produção, educação entre outros.

Um aparelho que é utilizado com relativo sucesso em vários setores da sociedade e transforma as relações entre as pessoas deve ter sua utilidade para a educação mais especificamente para o ensino como uma ferramenta facilitadora e potencializadora de transformação.

Macedo (2008) citando Moran diz que “não são as tecnologias que mudam a sociedade, mas o uso que se faz dela” e a escola não deve necessariamente adotar o *smartphone* para o ensino, mas ao não fazê-la,

perde um aliado importante. E apesar da gama de possibilidade que o *smartphone* enseja, ele ainda não está sendo utilizado nas escolas, pois de acordo com Voltolini (2016)

“Apesar da difusão e popularização e representarem o ápice da convergência tecnológica na sociedade contemporânea, celulares e *smartphones* não conseguiram conquistar uma posição sólida como suporte para o ensino-aprendizagem” (VOLTOLINI, 2016, p. 21)

Mas que deve ser aproveitado como suporte para o ensino, pois ainda de acordo com Voltolini

Dentre os dispositivos móveis, telefones celulares e *smartphones* tem destaque como sugestão de recurso didático. O celular é caracterizado com uma tecnologia de baixo custo e onipresente, além de chegar mais fácil em pontos problemáticos ou geograficamente/economicamente desfavorecidos, comparado a outras tecnologias. (id *ibid* p. 24)

Além desses fatores que favorecem a utilização do *smartphone* para o ensino, há ainda o benefício de ser um aparelho pessoal que é levado com o estudante ou docente para onde ele for, aumentando a possibilidade de acessar o material com o conteúdo proposto de qualquer lugar em que encontre.

Tão importante quanto encontrar meios para utilização de um aparelho multimídia, vale atentar para algumas variáveis. Para utilização do *smartphone* no ensino temos que lembrar que ele é apenas um dos itens envolvidos nesse processo, de acordo com Higuchi (2011, p. 42) citando Valentin, há pelo menos mais seis itens a serem considerados: tempo, espaço, ambiente de aprendizagem, método, conteúdo e a capacidade mental do aluno, tudo isso aliado a tecnologia disponíveis no *smartphone* é possível facilitar o processo de ensino.

Higuchi (2011) levanta seis recomendações quanto ao uso de *smartphone* como uma ferramenta para auxiliar o ensino

- 1) Os aparelhos não devem ser vistos como um substituto para as atuais técnicas de aprendizagem, mas como um complemento.
- 2) A aprendizagem móvel deve ser utilizada para facilitar as diferentes dimensões da aprendizagem, pois oferece uma experiência personalizada, autêntica e situada.

- 3) Os dispositivos móveis proporcionam um ambiente favorável a colaboração, tendo em vista seus inúmeros aplicativos, (...) que facilitam a comunicação e a troca de informação.
- 4) A aprendizagem móvel deve envolver todos os participantes de um mesmo grupo, evitando-se a exclusão ou o constrangimento de membros que não possuem o dispositivo móvel.
- 5) Desenvolver políticas para adoção da aprendizagem móvel evitando-se o abuso na sua utilização, como o acesso a conteúdos inapropriados, cyber bullying, perda ou roubo do aparelho.
- 6) A adoção da aprendizagem móvel deve ser acompanhada de uma preparação/formação dos componentes principais que envolvem este processo, ou seja, os estudantes, os educadores, pessoal de apoio, os pais. (HIGUCHI, 2011, p. 46-47)

O smartphone por se tratar de um aparelho pessoal deve servir apenas de complemento para auxiliar no ensino e cabe ao professor se reinventar quanto à sua prática docente. Voltolini (2016) salienta que:

A metodologia estimula a tomada de decisão e a autonomia, colocando o aluno no controle do próprio saber. Assim sendo, os dispositivos móveis podem ter papel fundamental no Ensino Personalizado, por tratar-se de uma tecnologia individual e pessoal. Nesse processo, cabe ao professor a função de orientar e tirar dúvidas. Em suma, a palavra de ordem é “personalizar”, o aluno segue seu ritmo, gestor do processo de ensino-aprendizagem. (2016, p. 46)

Conhecidos como a geração interativa, ou seja, por ser aquela geração que veio ao mundo usando tecnologias digitais, os estudantes não terão dificuldades para utilizar aparelhos móveis, sendo inclusive uma questão de adaptação para as escolas, pois, de acordo com Serres (2015) “pelo poder de sedução e pela importância que tem, a mídia há muito tempo assumiu a função do ensino”.

Mesmo não sendo uma necessidade imperativa usar tecnologias como se isso se constituísse a salvação da educação, sempre vale à pena ressaltar que quando se trata de ensinar, urge que se utilizem novos métodos, porque os estudantes fazem parte de uma nova ecologia de saberes. Ainda conforme Serres (2015)

Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas demonstram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não

conhecem, não integralizam, nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. (SERRES, 2015, p. 19)

Se o modo de aprender mudou, conseqüentemente também o modo de ensinar deve se alterar, sob pena de professores e alunos não se entenderem. E já ocorre com freqüência, uma freqüência bem mais que a desejada que escola e alunos entram em descompasso. Às vezes essa dissonância entre escola e aluno vira até canção. Bruce Springsteen inicia a música “No surrender” com um verso que no mínimo nos faz acender a luz amarela:

“nós fugimos da sala de aula, tivemos que ficar longe daqueles idiotas,
nós aprendemos mais com uma música de três minutos, do que com todas as lições da escola”. (SPRINGSTEEN, 1983)

É importante ficar atentos para as mudanças de tendências dentro de um determinado contexto social, os dispositivos móveis com certeza mudaram o modo de fazer as coisas em todos os segmentos da sociedade, a escola está inserida e faz parte da sociedade, ela será afetada e seria de bom alvitre se a escola saísse, se não na frente, pelo menos não ficasse totalmente ultrapassada, utilizando métodos que já não faz mais sentido para ninguém.

Como na música de Springsteen, é possível que, na maioria das vezes que não conseguimos atingir metas enquanto instituição de educação porque já não falamos a mesma linguagem que o jovem estudante. Uma geração que tem os aparelhos móveis, como uma extensão do corpo, não seria nada difícil entender que é possível utilizar esse aparelho tão conhecido deles como uma ferramenta para ensinar.

O jovem usa o celular de forma contínua, ele o tem sempre por perto, ligado, mantendo-o conectado, dando sensação de segurança e o conforto de nunca estar só. Higuchi (2011) citando Winicott lembra que na maioria das vezes o celular serve para o jovem como um objeto transicional, é como um bebê que a principio pensa que seio da mãe faz parte dele, mas na medida em que ele cresce percebe que, mesmo estando sempre à disposição, o seio da

mãe está separado dele, então procura algo para preencher a lacuna e se contenta com mamadeiras ou chupetas.

Nesse sentido indica a pesquisa de Higuchi (2011, p. 30) o celular deve ser evitado de ser considerado um objeto transicional, ou seja, aquele que substitui o professor, de forma que o aluno continue aprendendo por outros meios, o celular deve sim, servir como uma ferramenta agregadora de possibilidades.

De qualquer forma dispositivos móveis é uma realidade da qual não podemos nos esquivar e continuar nossas vidas como se ele não existisse, ou que de alguma forma *smartphone* só existisse para outras pessoas, mas não diz respeito. *Smartphones* existem e chegam aonde a maioria das outras tecnologias digitais não chegam e conforme Voltolini (2016):

“é preciso levar em conta o número de celulares no país. A disseminação seria um dos motivos principais para a apropriação de celulares para o ensino-aprendizagem, junto com a onipresença e familiaridade, duas outras características dessa tecnologia.” (VOLTOLINI, 2016, p. 28).

Dentre as características que sugerem que é oportuno usar *smartphones* como ferramenta para ensinar está o fato de que:

São dispositivos que estão sempre à mão, por isso representam a possibilidade de união da educação formal e informal, transformando a educação formal em um processo mais amplo, composto por mais e outros lugares além do formalmente estabelecido. Essa união tem sido colocada como elemento imprescindível para um processo de ensino-aprendizagem mais contextualizado. (ID IBID. p. 29)

Presença maciça entre os jovens e interface amigáveis são itens que tornam o uso dos dispositivos móveis possível para fomentar o ensino, ainda mais se levar em consideração que para adotar essa tecnologia como parceiro, dispensa a necessidade de grandes investimentos, visto que isso pode ser feito pelo sistema (BYOD) do inglês (bring your own device) cuja tradução para nossa língua seria algo como “traga seu próprio dispositivo” (2016 p. 30).

Durante a Semana do Aprendizado Móvel (*Mobile Learning Week*) realizado em Paris em 2013 foi publicado um guia com dez recomendações

para auxiliar governos a implantarem tecnologias móveis em sala de aula. De acordo com Voltolini (2016) os pilares do aprendizado móvel são: “levar a informação onde ela é escassa, personalizar e flexibilizar a aprendizagem, proporcionar *feedback* imediato e ampliar a produtividade aproveitando a aprendizagem em qualquer tempo e espaço”. (p. 30).

Trata-se de incorporar como ferramenta para o ensino o que já é tendência bem estabelecida no meio social, o guia publicou também 10 bons motivos e treze recomendações incentivando o uso de aparelhos móveis em sala de aula conforme figura abaixo retirada de Voltolini (2016).

O USO DAS TECNOLOGIAS MÓVEIS EM SALA

Unesco lança guia com **13 bons motivos** para usar tecnologias móveis na escola e **10 recomendações** para governos

O ACESSO NÃO É MAIS O PRINCIPAL DESAFIO...

Bons motivos

- 1 Amplia o alcance e a equidade da educação
- 2 Melhora a educação em áreas de conflito ou que sofreram desastres naturais
- 3 Assiste alunos com deficiência
- 4 Otimiza o tempo na sala de aula
- 5 Permite que se aprenda em qualquer hora e lugar
- 6 Constroi novas comunidades de aprendizado
- 7 Dá suporte à aprendizagem in loco

Recomendações

- 1 Criar ou atualizar políticas ligadas ao aprendizado móvel
- 2 Conscientizar sobre sua importância
- 3 Expandir e melhorar opções de conexão
- 4 Ter acesso igualitário
- 5 Garantir equidade de gênero

“HOJE AS TECNOLOGIAS MÓVEIS SÃO MUITO MAIS COMUNS, MESMO EM ÁREAS ONDE ESCOLAS, LIVROS E COMPUTADORES SÃO RAROS”

...MAS SIM SOFISTICAR O USO PEDAGÓGICO DAS TECNOLOGIAS

- 8 Aproxima o aprendizado formal do informal
- 9 Provê avaliação e feedback imediatos
- 10 Facilita o aprendizado personalizado
- 11 Melhora a aprendizagem contínua
- 12 Melhora a comunicação
- 13 Maximiza a relação custo-benefício da educação

- 6 Criar e otimizar conteúdo educacional
- 7 Treinar professores
- 8 Capacitá-los usando tecnologias móveis
- 9 Promover o uso seguro, responsável e saudável das tecnologias
- 10 Usá-las para melhorar a comunicação e a gestão da educação

“NÃO USAR TECNOLOGIAS MÓVEIS É PERDER OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS MUITO RICAS”
Rebeca Otero, Unesco

TECNOLOGIAS MÓVEIS SÃO APARELHOS DIGITAIS, FACILMENTE PORTÁTEIS, USADOS E CONTROLADOS POR UM INDIVÍDUO – E NÃO POR UMA INSTITUIÇÃO –, TEM ACESSO À INTERNET E PERMITE UM AMPLO NÚMERO DE AÇÕES, INCLUSIVE MULTIMÍDIAS

Utilizando como justificativa os motivos apresentados até o momento o que se pretende fazer uso de tecnologias móveis para ensinar filosofia na escola pública. Com o smartphone como ferramenta para auxiliar o ensino é possível melhorar o ensino e o *feedback* entre os interessados, alunos e alunos e entre professores e alunos.

CAPÍTULO 4

GUIA PARA UTILIZAÇÃO DE SMARTPHONE EM SALA DE AULA

A disciplina de filosofia, assim como Arte, Língua Espanhola e Língua Inglesa contam com apenas uma aula semanal nas matrizes curriculares do Ensino Médio. Agora com a nova Base Nacional Curricular Comum tende a piorar.

Levando em conta que em uma aula de 55 minutos é preciso ensinar alguma filosofia e lembrando que as escolas que oferecem a disciplina em sua matriz curricular está ligado ao Sistema Estadual de Educação e este órgão faz exigências que devem ser cumpridas impreterivelmente, o tempo que já era escasso, torna-se exíguo.

Driblar o tempo e usá-lo a seu favor torna-se um imperativo. Digo isso porque, o docente tem, entre suas obrigações como professoras de escola pública de ensino médio, a responsabilidade de trabalhar com os livros que são fornecidos pelo Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD) que serve como parâmetro para o programa que se deve seguir. É claro que muito se reclama e se diz que os livros não atendem a demanda do aluno, mas é bom lembrar que o livro é uma ferramenta que auxilia o trabalho do docente e, de forma alguma engessa sua atuação.

Ainda sobre o livro didático disponibilizado pelo PNLD pode-se dizer que talvez ele não seja realmente uma jóia, mas oferece boas referências para trabalhar vários conteúdos na sala de aula, e como sua distribuição é gratuita todos os alunos têm acesso, facilitando o trabalho do professor.

É uma das exigências do sistema educacional na qual o ensino médio da escola pública está inserido que aluno domine algumas habilidades como elemento atestador de que sua passagem pelo ensino formal não foi em vão. Entre esses quesitos estão o domínio da escrita, leitura, interpretação de texto, capacidade de argumentação e a possibilidade de mudar de opinião face á argumentos mais consistentes.

Para alcançar tal objetivo é preciso que o docente trabalhe em sala de aula alguns conteúdos, no meu caso, conteúdos de cunho filosófico, que proporcione aos estudantes o desafio de por em movimento a possibilidade da experiência do pensamento.

Isso é possível apresentando-lhes conceitos típicos da filosofia, proporcionando a eles uma visão panorâmica do capítulo que se pretende trabalhar e contextualizando o autor e o tema tratado, de forma que o pensamento filosófico posto em ação de algum modo remeta ao cotidiano do discente, do contrário não despertará o interesse.

Como as aulas expositivas demandam tempo e na maioria das vezes esse fator é um luxo do qual o docente de filosofia não dispõe, porque na escola pública de ensino médio, como em toda boa escola o docente tem que incentivar o aluno a praticar a escrita, e conseqüentemente propor exercícios que aprimore essa atividade, propondo redações, resumos e fazendo as necessárias correções. Nem com três ou quatro aulas semanais seria possível levar ao cabo um programa tão ambicioso.

O período letivo total deve ter no mínimo 200 dias letivo, que divididos em quatro bimestre teríamos 50 dias aulas ou 12 semanas letivas. Se não houver nenhum incidente na programação são 12 aulas de filosofia por bimestre, nesse período é preciso ensinar alguma filosofia e aplicar avaliações, para aferir o conhecimento adquirido pelo aluno e proclamá-lo apto ou não para fase seguinte, se for considerado inapto deve passar pelo processo de recuperação.

Dentro desse tempo de aula -55 minutos- devem ser feitas chamadas para inserir no diário eletrônico, esse instrumento é normatizado como uma das obrigações do docente, a normativa prevê que o preenchimento do diário deve ser feito impreterivelmente.

A proposta de usar smartphone para ensinar filosofia é simples e consiste mais em potencializar o tempo do que numa proposta metodológica inovadora. Diante da obrigação de trabalhar um conteúdo, o que é óbvio, sem

conteúdo nenhuma disciplina se estabelece, e levando em conta que o conteúdo que trata da filosofia é amplo, necessita de introdução, leitura, entre outros quesitos é importante que o docente forneça alguma visão, mesmo que panorâmica sobre o tema a ser tratado.

Diante desse quadro o smartphone será usado para transmitir o conteúdo de forma célere, enquanto o tempo em sala de aula seria usado para aulas expositivas e debates sobre o conteúdo que o estudante já tem disponibilizado.

4.1 Vantagens

O conteúdo seria disponibilizado aos poucos mediante um compromisso do estudante de não apenas tentar se apropriar dele, mas também de cumprir a exigência de tê-lo transcrito em seu caderno e não se iludam aqueles que acham que isso é desnecessário, porque seria uma cópia mecânica. Independente da mecanicidade, é importante entender que assim também se dá o exercício da escrita que contribui para o desenvolvimento de habilidades, lembrando que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ainda cobra redação escrita a punho.

Uma vez disponibilizado o conteúdo o estudante mantém o arquivo em seu aparelho podendo lançar mão dele a qualquer momento sem a necessidade de estar conectado á internet. É importante frisar também que se apenas um deles efetuar o download do conteúdo é possível socializar com todos através do dispositivo Bluetooth.

De acordo com a pesquisa realizada na Escola Estadual Dione Augusta, localizada no Bairro CPA IV em Cuiabá, a escola onde trabalho lecionando filosofia, em uma sala com a média de 30 alunos, 27 portam celulares do tipo smartphone, a maioria top de linha com recursos *high tech* para acessar internet, fazer e assistir vídeos, enviar mensagens entre grupos, efetuar *downloads* e fazer *uploads*, entre outros quesitos que se fizer necessário para trabalhar para trabalhar nesse formato.

Alguém pode argumentar que nem todos têm *smartphone* e que de alguma forma seriam prejudicados devido ao modo como o conteúdo é distribuído. Talvez não seja o caso de apressar em dizer que não dará certo. Deve-se levar em conta que talvez o fato dele não estar portando um *smartphone* na sala de aula não seja indicativo que ele não tenha um aparelho, mas apenas que por questões de foro íntimo o estudante não o leva para sala de aula, mas tem o aparelho em casa.

Como essa prática não é regulamentada como método da escola e funciona de forma aleatória com este ou aquele professor, e a lei 10.232 de 29 de dezembro de 2014 de autoria do deputado Mauro Savi preconiza que

Art. 1º Torna defeso, para uso não pedagógico o uso de aparelhos/equipamentos eletrônicos em sala de aula de ensino fundamental e médio do Estado de Mato Grosso.

Parágrafo único. Compreende, para efeitos dessa lei como aparelhos/ equipamentos eletrônicos,

Celulares; Mp3; mp4; ipod; notebooks; smartphones; câmeras digitais; tablets; outros.

Art. 2º a utilização desses equipamentos será permitido desde que seja para fins pedagógicos sob a supervisão e a orientação do profissional de ensino.

Por conta dessa lei, o docente que quiser fazer uso do celular para o ensino deve propor mediante projeto pedagógico, em parceria com a gestão da escola e se algum estudante se recusar a aderir, nada há quem possa obrigá-lo, mas como ele tem direito de acesso ao conteúdo, é sempre possível fazer uma cópia impressa para o dissidente.

Sempre pode surgir no decorrer da implementação desse modo de ensinar, algo que não se pode prever e que venha de alguma forma se tornar um empecilho para levar a cabo o planejamento, isso seria de se esperar, visto

que é uma ideia que, embora tenha aparência de simplicidade requer planejamento e uma elaboração minuciosa tanto no formato que se dará ao conteúdo trabalhado quanto na sua disponibilização.

Deve-se tomar o cuidado de não disponibilizar o conteúdo todo de uma vez, senão alguns estudantes mais esforçados completam o programa e ficam sem atividades para fazer em sala de aula, ao passo que os que andam mais devagar ficam tentados a deixar de lado o conteúdo estudado por conta do descompasso.

Não há dúvida que um projeto com essa magnitude que inclui a abolição de passar exercício no quadro e carregar livros para sala de aula, visto que o conteúdo do livro que se seguirá, para levar adiante o programa proposto será escaneado. Durante sua execução carecerá de muitos ajustes quem se envolver com esse método deve estar pronto para abandonar alguns requisitos e inserir para dar continuidade na execução. Estar cientes e dispostos a melhorar as ideias após tentativas e erros faz parte do programa.

4.2 Como Fazer

Isso pode ser feito de maneira prática utilizando os seguintes passos.

Uma vez escolhido um determinado título de livro, ele será trabalhado na unidade escolar por três anos. No caso da unidade escolar esta pesquisa está sendo desenvolvida a opção foi pelo livro “Experiência do pensamento” de Silvio Gallo. O autor trabalha o ensino de filosofia a partir de temas e agrega como elemento enriquecedor do debate proposto alguns aportes de outras formas de linguagens como a música a literatura bem como sugestões de filmes.

Depois da introdução que consiste quase sempre na contextualização do assunto escolhido e serve também como artifício para remeter o tema em questão para o cotidiano dos estudantes, a abordagem é feita através da cronologia, demonstrando a princípio o que dizia os antigos sobre o assunto, a explanação passa pelos autores da tradição filosófica do período Medieval e

chega aos contemporâneos, geralmente mencionando filósofos ainda vivos e ativos na produção do conhecimento filosófico.

Uma vez escolhida a unidade que se pretende trabalhar no caso aqui “O que somos?” segue o plano.

Capítulo 1 da unidade “O ser humano quer conhecer a si mesmo.” As atividades devem, como de praxe, planejadas antecipadamente com a finalidade de dar fluidez ao programa que se pretende trabalhar durante o bimestre, levando em conta a quantidade de aulas disponíveis.

Como nas escolas públicas a rotatividade de professores é grande por conta de licença para tratamento de saúde, desistência de contratados ou mesmo por questão de comodidade, no decorrer do bimestre um ou outro docente pede para sair e então o horário das aulas é modificado para atender alguma demanda. Não só a seqüência das aulas mudam, mas os dias que se ministrava tal aula, também muda constantemente, o que dificulta que os alunos cumpram uma exigência da escola que é trazer o livro da disciplina das aulas do dia.

Para evitar, por exemplo, que o aluno traga para escola livro X e nesse dia tenha aula da disciplina Y e por conta disso o professor fique limitado diante da falta do material a saída é escanear o capítulo que se pretende trabalhar e deixá-lo disponível e acessível através do celular. Mesmo que alguém esqueça o celular, tem como compartilhar com o colega. E se no pior dos cenários se recusarem a fazê-lo, tem como projetar as imagens da parte requerida do livro através do aparelho de data show. Na unidade escolar que se desenvolve este trabalho cada sala de aula está equipada com um aparelho e tem notebook suficiente disponível, isso facilita bastante a exeqüibilidade do projeto proposto.

Sugestão para aula 01

As atividades podem ser distribuídas em varias aulas no decorrer do bimestre, mas é interessante fazer a contextualização para remeter a atividade filosófica ao cotidiano do estudante argumentando que a reflexão é sobre o ser

humano e sua constituição como tal e logo tem a ver com a vida de cada um deles.

Nas atividades que utilizarei como pode se notar que autor, Silvio Gallo cita vários pensadores, então logo após a contextualização vale a pena, do ponto de vista tanto didático como metodológico, fazer um breve explanação sobre os autores citados. São eles:

Carlos Drummond de Andrade. Pico della Mirandola. Thomas Morus. Erasmo de Roterdã. Michel de Montaigne. Hannah Arendt. Marx. Kierkegaard. Hegel. Heidegger. Husserl. Sartre. Nietzsche.

Isso pode ser feito rapidamente em uma aula, é interessante começar uma atividade e terminar no mesmo dia, visto que a próxima aula será depois de sete dias e nesse caso é difícil esperar que o estudante lembre de alguma que foi dito.

Sugestão de aula 02

O capítulo que estamos trabalhando conta com 18 páginas da qual se deve fazer uma aula expositiva apresentando um panorama geral do capítulo demonstrando a estrutura interna da argumentação do autor.

Lançado o tema o autor do livro didático estrutura sua argumentação para dar conta do assunto da seguinte forma:

a) recorre á história da filosofia de maneira cronológica, citando autores da tradição filosófica conhecida como filosofia Antiga, geralmente Platão e Aristóteles. Depois traz argumentos de autores da fase conhecida Idade Média, para em seguida citar autores contemporâneo que corroboram ou discordam com as demais teses apresentadas sobre o assunto.

b) o tema é enriquecido pelo autor trazendo para dialogar com os autores da tradição filosófica, outras formas de linguagens como músicas, filmes, obras de artes de reconhecido valor histórico e literatura, seja na forma de conto, prosa, poesia ou crônicas.

c) propõe atividades de perguntas resposta baseadas na explanação feita sobre o tema e traz excertos de textos filosóficos para leitura e interpretação também com atividades para responder.

Se aproveitar bem o tempo é possível demonstrar esse panorama geral em uma aula.

Sugestão para aula 3 e 4

Dentro do corpo do texto, como era de se esperar, o autor faz menção de vários conceitos, é imperativo explicitá-los, mesmo correndo risco de ser considerado um professor explicador. Entendo que sem se apropriar dos conceitos para ter a experiência do pensamento, o estudante fica sem ferramentas para exercer sua dimensão criativa.

No capítulo que escolhi para esta reflexão os conceitos presentes no texto são: corpo, alma, natureza humana, condição humana, dualismo psicofísico, essência, existência, vida ativa, trabalho alienado.

Elucidar esses conceitos é de extrema importância para a compreensão não só do capítulo, mas para se ter uma noção do que somos e refletir filosoficamente sobre nosso corpo e as implicações a ele inerente. O ensino de filosofia se dá através dessa compreensão de que ao abordar um tema através dos conceitos estamos lidando com a especificidade da filosofia.

Sugestão para aulas 5 e 6

Uma vez introduzido os autores e feito o panorama geral e já elucidado os conceitos é interessante usar os subtítulos para atividades de leitura e escrita propondo resumos. Deve se indicar quais partes devem ser resumidas e e quanto se deve escrever para evitar que faça a cópia daquilo que deveria resumir ou que alguém o faça sucintamente em duas linhas. Existe uma quantidade razoável que se pode escrever dependendo do tamanho do subtítulo. Neste capítulo temos os seguintes subtítulos:

A filosofia na história. Corpo e alma. p. 66 20 linhas

Natureza humana versus condição humana. p. 69-72 30 linhas

A filosofia da existência. As raízes do existencialismo. p. 73 10 linhas.

Heidegger em busca da essência. p. 73-75 20 linhas.

Sartre e a gratuidade da existência. p. 75-76 25 linhas.

É importante nesse resumo atentar para a idéia central que perpassa todo o capítulo e que se sustenta em cada subtítulo. Essa proposta de trabalho pode ser realizada também como dever de casa. O docente deve se assegurar de que os estudantes sabem fazer resumos e em caso de dificuldades auxiliá-los antes de iniciarem a tarefa.

Dentro dos critérios de avaliação da unidade escolar em que sedia este projeto consta que, para compor a nota do bimestre os estudantes devem fazer as seguintes atividades:

Prova bimestral composta de no máximo 10 questões sendo 60% objetiva e as demais questões, dissertativa.

Trabalho escrito com critérios definidos pelo professor da disciplina, com a exigência que se aproxime o máximo possível de um trabalho acadêmico.

Atividades em sala aula e presença que é uma forma de estimular o aluno a comparecer às aulas e se envolver com as atividades propostas.

Aulas 7 e 8

Há algumas questões burocráticas que devem ser tratadas tais como averiguar se o estudante fez trabalho bimestral e se suas atividades estão em dia, visto que esses itens irão compor a nota bimestral final do estudante, a média. Para o docente que conta com apenas uma aula por semana, e tem 20

turmas isso deve ser feito em sala no tempo de aula, não tem como levar o caderno do aluno para casa, por motivos óbvios.

Aula 9

Nas unidades escolares de ensino médio público e gratuito o principal método de aferição do conhecimento adquirido pelo aluno é a prova bimestral e para isso é mister fazer uma revisão do conteúdo que será usado no exame.

Aula 10

Prova Bimestral. E acabou, isso contando com a possibilidade de um bimestre perfeito, mas sempre ocorre um ou outro evento que aulas são suspensas, reajustadas para atender alguma demanda ou programação da escola, tais como: datas comemorativas, aulas de campo, cursos oferecidos por alguma instituição externa, entre outros.

Mas ainda dentro do tema escolhida no capítulo o docente pode confeccionar atividades de perguntas e resposta de múltipla escolha nos moldes do ENEM, serve de exercício e treino além de ajudar a entender o conteúdo. Mas está claro que não há tempo hábil para passar isso no quadro negro, então a solução é disponibilizar a atividade pelo *smartphone* enquanto tentamos estabelecer com a sala um vínculo que permita a criação de um espaço comum de experiência filosófica.

Essas atividades, baseadas no tema que foi previamente escolhido e utilizando recursos disponíveis em celulares conectados a internet, possível fazer a distribuição dos conteúdos das seguintes formas:

Opção 1. Postar as atividades em um blog que pode ser criado facilmente e sem custo pelos docentes que se interessaram em trabalhar utilizando esta ferramenta. No caso em questão que está sendo relatado já se encontra disponível um canal para que os alunos possam acessar das atividades, cujo domínio é irzairfilosofo2@blogspot.com. Nesse portal o conteúdo está

discriminado por série, e bimestre, e ano e.g: “atividades 1º ano 2º bimestre 2018”.

Opção 2. Criar grupos em sala de aula para usar o aplicativo WhatsApp, além de ser mais comum entre os estudantes, esse aplicativo de tem a vantagem de algumas operadoras oferecem pacotes onde o usuário pode utilizar esse canal de forma ilimitada, ou seja, mesmo que pacote de dados contratado acabe, o usuário continua podendo enviar e receber mensagens. Com este aplicativo a fluidez na distribuição do conteúdo é grande, visto que uma vez criado o grupo de uma determinada sala, com apenas uma envio todos recebem o conteúdo.

Uma vez garantida a distribuição do conteúdo, a sugestão é que ele tenha este formato, baseado nos livros didáticos fornecidos pela escola. Para utilizar qualquer dessas opções é preciso que o estudante tenha um celular cuja plataforma permita a ele ler texto em formato Word e PDF. Uma vez atendidos esses requisitos as atividades podem seguir o esquema abaixo.

1) Quem foi o filósofo responsável por colocar o ser humano sob o foco do pensamento filosófico grego?

(a) Sócrates (b) Platão (c) Aristóteles (d) Agostinho (e) Tomás de Aquino.

2) Indique abaixo o lema que Sócrates adotou como principio norteador de sua filosofia.

(a) Amarás aos deuses e aos homens e viva em harmonia com a natureza.

(b) A racionalidade é que nos difere essencialmente dos animais.

(c) Conhece ti a ti mesmo e conhecerá aos homens, ao mundo e aos deuses.

(d) Sou homem e tudo que diz respeito ao homem se refere a mim.

(e) Pedra por pedra, tudo dará o homem pela sua alma.

3) “O homem é formado de corpo físico, imperfeito e mortal e de uma alma imaterial, perfeita e imortal, mas uma está indissolúvelmente ligada a outra”.

A afirmação se refere a:

(a) Materialismo dialético de Marx. (b) Natureza humana de Hume. (c) Dualismo psicofísico de Platão.

(d) Analítica transcendental de Kant. (e) Argumento ontológico de santo Anselmo.

4) Dentre os vários atributos da alma a razão é a mais importante, por isso o ser humano é considerado um animal racional e animal político. Esse pensamento pode ser atribuído a:

(a) Sócrates (b) Platão (c) Aristóteles (d) Agostinho (e) Tomás de Aquino.

5) Dentre os autores considerados como renascentista marque apenas o incorreto.

(a) Tomás de Aquino. (b) Giovanni Pico della Mirandola. (c) Erasmo de Roterdã. (d) Tomas Morus. (e) Michel de Montaigne.

6) Aponte abaixo a principal característica do Renascentismo.

(a) Valorização da natureza e a proposição de um contrato natural.

(b) A volta aos mitos como forma de apaziguar a ira dos deuses e mitigar o sofrimento humano.

(c) A ciência como alternativa para dominar a natureza a nosso bel prazer.

(d) Valorização da dignidade humana que passou ser o centro das atenções em detrimento da divindade.

(e) O trabalho passa a ser considerada a única forma de alcançar riqueza.

7) Dentre as tentativas de definir o ser humano encontramos 5 tentativas. Indique como a letra correspondente.

(a) Homo faber (b) homo economicus (c) homo laborans (d) homo sapiens (e) homo ludens.

() O homem se distingue dos animais porque pensa e utiliza a linguagem e a razão.

() Apenas o humano pode criar e fabricar.

() A natureza humana caracteriza-se pelas relações econômicas.

() O trabalho é intrinsecamente humano, apenas o ser humano se transforma pelo trabalho.

() O homem é capaz de divertir, brincar e criar jogos.

8) De acordo com Hanna Arendt quais as três atividades fundamentais determinam a condição humana.

(a) Trabalho, obra e ação. (b) Pátria, honra e liberdade. (c) Família. Religião e propriedade.

(d) Economia, política e ciência. (e) Sexo, amor e amizade.

9) “O trabalho faz com o ser humano seja propriamente humano, os seres humanos produzem-se a si mesmos por meio do trabalho”. A afirmação acima pertence a.

(a) Soren Kierkegaard. (b) Hegel. (c) Nietzsche. (d) Hiedegger. (e) Karl Marx.

10 Ligue cada item a seu elemento correspondente.

(a) Trabalho. (b) Obra. (c) Ação.

() Atividade do corpo humano em seu aspecto biológico.

É a atividade política, aquilo que os indivíduos realizam entre si.

É a atividade da existência que consiste em transformar a natureza e criar a cultura.

11) Indique qual autor fez a integração entre a visão de natureza humana e condição e em qual obra.

Soren Kierkegaard. Hegel. Nietzsche. Heidegger. Karl Marx.
 A condição humana. Os manuscritos. O ser e o nada. Fenomenologia do espírito. Humano, demasiado humano.

12) Os dois aspectos que definem o trabalho alienado são:

(a) Aquilo que o trabalhador produz não lhe pertence, mas ao dono da fábrica.

(b) Tudo que é produzido pertence a comunidade e é dividido entre todos.

(c) Os lucros são divididos em partes iguais visando a felicidade do maior número de pessoas possíveis.

(d) Uma vida não refletida não é digna de viver, um homem sem trabalho também não deve comer.

(e) Consiste na divisão de função onde cada trabalhador não conhece o processo geral do trabalho.

(f) Dada uma determinada proposição ou ele verdadeira ou ela é falsa.

Todas as alternativas estão corretas.

Nenhuma das alternativas está correta.

Apenas os itens a, e estão corretos.

Apenas os itens a, e estão incorretos.

Apenas os itens a, c, f estão corretos.

13) “Reificação ou coisificação” é.

- (a) Quando o trabalhador se torna dono dos meios de produção.
- (b) Quando a vida se torna difícil e a morte se torna uma alternativa atraente.
- (c) Quando se investe na bolsa de valores em o capital supera o trabalho.
- (d) Quando o trabalho já não constrói o homem, mas torna-o um objeto, algo como um animal qualquer.
- (e) Quando o homem não se conhece a si mesmo, nem aos deuses, nem ao mundo.

14) Ligue cada autor á sua idéia.

(1) Soren Kierkegaard. (2) Hegel. (3) Nietzsche. (4) Hiedegger. (5) Husserl. (6) Sartre. (7) Arendt. (8) Marx. (9) Platão. (10) Aristóteles.

() Através do trabalho o homem se transforma, transforma o mundo e perde-se a si mesmo.

() As três atividades humanas fundamentais são o trabalho, a obra e a ação.

() Para compreender a vida humana é preciso de uma filosofia com forte caráter psicológico.

() Propôs uma filosofia voltada para o contínuo processo histórico e ancorado na razão.

() A vida não tem um sentido construído de antemão, são criados por nós enquanto vivemos.

() Ente é tudo aquilo que existe, ser é aquele que tem a capacidade de questionar sobre se mesmo.

() Tentou desvendar a realidade baseado na impressão que os fenômenos causam.

() a existência precede a essência, somos lançados no mundo sem nada e adquirimos vivendo.

() O homem é formado de corpo físico, imperfeito e mortal e de uma alma imaterial, perfeita e imortal.

() o homem é um animal racional, dotado de razão que se realiza na política.

O intuito é fazer o possível para ensinar alguma filosofia com o pouco tempo que se tem para trabalhar e fomentar para uma quantidade enorme de alunos, o uso como ferramenta facilitadora do ensino o que temos de mais abundante em sala: *smartphone* e criatividade dos estudantes, que, nascidos na geração digital, utilizam com muita facilidade esse aparelho.

Considerações finais

Considerando a importância da filosofia na formação humana e sua longa história que conta com mais de dois séculos e meio de tradição e, analisando que muitos dos homens cujas mentes eram privilegiadas se ocuparam de refletir filosoficamente, chega-se a conclusão que a filosofia é realmente importante, não porque tais pessoas se ocuparam dela, mas porque, de fato há situações, temas e problemas que merecem a atenção.

Nem toda reflexão é filosófica, mas há a reflexão filosófica quando defrontado com um problema o sujeito se dispõe a pensar e sabe que não precisa pensar sozinho, mas pode pensar com outros que já se depararam diante da mesma angústia e buscaram as mesmas respostas. Nesse confronto com os dilemas do Ser, do Homem e de outras questões que transcendem nossa inteligência individual podemos subir em ombros de gigantes para enxergar mais longe, podemos nos apoiar em teorias bem fundamentadas para encontrar um ponto fixo a partir do qual, a exemplo de Arquimedes, é possível mover o mundo.

Os homens criaram as técnicas e foram transformadas por elas, mas não há dúvidas que essas técnicas que, posteriormente seriam denominadas como tecnologias, moveram o mundo, encurtaram distâncias, facilitaram a vida e deram sobrevida aos homens que, numa dialética quase infindável de transformação da técnica pelo homem e do homem pela técnica vai se redescobrimo e se reinventando.

Num primeiro momento o homem pensou e aprimorou a técnica, em seguida beneficiada por ela ou sendo obrigado a se submeter ao ritmo delas, ele refletiu sobre a técnica e percebeu que um era o complemento do outro. Sendo assim, o homem cria aparatos que tecnológicos que vê por ele, que permite falar de forma que outrora era impossível, deslocar a tal velocidade que só as maquinas conseguem, oferecem conforto, mas acabam fazendo do homem refém, vitimas de seus próprios artifícios. Mas os aparatos tecnológicos inventados através das técnicas, aprimoradas pelas tecnologias recentes, não é boa nem má, nem neutra, depende do que os homens fazem dela.

Dentre essas transformações é possível observar a velocidade com que a denominada era informacional imprimiu aos negócios de qualquer natureza, em todos os segmentos, seja no plantio mecanizado do solo para produção de grãos, seja no sistema monetário, transporte, saúde, segurança e educação.

Em várias dessas transformações, a maioria das pessoas são apenas expectadoras, como alguém a margem de um rio observando suas águas passarem, ao passo que, em outras mudanças é como se estivéssemos dentro rio navegando por suas águas e observando as pessoas paradas a margem.

Não importa como uma pessoa vê as transformações produzidas pelas tecnologias, se da margem do rio, estático ou se dentro do rio remando contra ou a favor da corrente, há algo de inexorável nisso, as transformações acontecem e os homens são afetados e na maioria das vezes de forma irreversível.

A educação formal foi afetada profundamente pelo advento de novas tecnologias, visto que a escola está inserida na sociedade e faz parte dela, se todos os segmentos sociais foram afetados, não faz sentido tentar fingir que a escola, como local de educação formal, permanece como um reduto intocável.

Os filósofos se dispuseram a pensar como a tecnologia é produto humano, criado pelo homem e para o homem, tentar entender em que medida a inserção desses aparatos podem interferir e influenciar no modo de pensar dos homens e na constituição dessa humanidade, enquanto sujeito que pensa, que quer, que se engana, mas que acima de tudo é um Ser.

Nas escolas onde é ensinada a disciplina de filosofia sofre a influência desses aparatos tecnológicos criados pelo homem para seu conforto e transforma as relações de saberes histórica e pedagogicamente constituídos. Um desses aparelhos o *Smartphone*, móvel, acessível, conectado pode ser uma ferramenta revolucionária para tornar o ensino de filosofia mais fluido e interessante para os nativos digitais.

Não obstante *smartphone*, que será usado pelo estudante para aprimorar seu conhecimento, ainda há necessidade de um mediador, o aparelho não é tudo, apesar de importante, sua importância se dá como uma ferramenta que deve ser utilizada para facilitar o ensino e como consequência a comunicação e relação entre as pessoas envolvidas se tornem melhores.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. trad. Alfredo Bosi. São Paulo, Martins Fontes, 2007'1

ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo, Editora paz e terra, 2010

ARISTÓTELES. Ética á Nicômaco. Trad. Leonardo Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo, Editora Abril, 1984.

ASPIS, Renata L. ensinar filosofia. um livro para professores. São Paulo, Atta mídia e educação, 2009.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Trad. Filipa Gomes. Recensão Crítica, Universidade de Lisboa, 2006. <file:///H:/aporte%20de%20textos/walter%20benjamin%20obra%20de%20arte.pdf>. Acessado 22/08/2017

CARVALHO, Marcelo. **DANELON**, Márcio. **CORNELLI**, Gabriele. (org.) Filosofia: ensino médio. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção explorando o ensino; volume 14)

COBRY, Ivan. Vocabulário grego da filosofia. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo, Martins Fontes, 2007

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. vol. I a Era da informação. Tradução: Roneide Venâncio Majer. 8ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2010.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2003.

CEPPAS, Fillipe. **OLIVEIRA**,Paula R. **SARDI**, Sérgio A. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2009.

DESCARTES, René. Discurso do método. Tradução: Jacob Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo, DIFEL, 1962. (Coleção clássicos Garnier)

FREIRE. Roberto de B. Dez proposições para uma filosofia simples. Cuiabá, EdUFMT, 2009

GALLO, Silvio. Filosofia experiência do pensamento. Volume único. São Paulo, Scipione, 2015.

GALLO, Silvio. Metodologia do ensino de filosofia. Uma didática pra o ensino médio. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

_____ **DANELON**, Márcio. **CORNELLI**, Gabriele. (org) Ensino de filosofia: teoria e prática. Ijuí, Ed. Unijuí, 2004

GELAMO, Rodrigo P. O Ensino da Filosofia no limiar da contemporaneidade. O que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia? [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GHEDIN, Evandro. Ensino de filosofia no ensino médio. São Paulo, Cortez, 2008. (Coleção Docência em formação)

GOMES, Miguel A C. Filozapenado: uma experiência filosófica da medicação à distância com o uso de aplicativo de celular whats´App. Dissertação de mestrado, CEFET Celso Suckow da Fonseca, 2016.

JAEGER, Werner. Paideia. A formação do homem grego. Trad. Artur M. Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

JUNIOR, Adail S R. Internet e ensino, novos gêneros, novos desafios. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Singular, 2009.

KANT, I. Ensinar a filosofar. KANT, I. Lógica. 3ª. Ed. tradução de Gottlob Benjamin Jäsche de Guido Antônio de Almeida. — Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2003. (Biblioteca Tempo Universitário ; 93. Série Estudos alemães). Tradução de : Immanuel Kants Logik cin Handbuch zu orlesungen. - ISBN 85-282-0037-X

KANT, I. Sobre a pedagogia. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1996.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é Esclarecimento? In: Textos seletos. Ed. bilíngue. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 100-1167; KANT, I. Resposta à pergunta: que é Esclarecimento? Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Brasília: Casa das Musas, 2008. In: Antologia de Textos Filosóficos / Jairo Marçal, organizador. – Curitiba: SEED – PR, 2009.

KANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. Tradução: Paulo Quintela. Lisboa, Portugal, Edições 70, 2007

KOHAN, Walter. OLARIETA, Beatriz F. (Organizadores) A escola pública aposta no pensamento. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2012..

LÉVY, Pierre. O que é o virtual. 2ª edição. Trad. Paulo Neves, São Paulo, Editora 34, 2011.

_____ Cibercultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo, editora 34, 1999.

_____ As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Ed. 34, 1993.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Tradução: Ricardo Correa Barbosa, 16ª edição, rio de Janeiro, José Olympio, 2015.

LORIERI, Marco Antonio. A Filosofia como elemento formador do humano. In Filosofia e ensinar filosofia / Organizadores Marcelo Carvalho, José Benedito de Almeida Junior, Pedro Gontijo. São Paulo : ANPOF, 2015.

MUCHAIL, Salma T. **ARANTES**, Paulo. A filosofia e seu ensino. Petrópolis, RJ; Vozes, São Paulo, EDUC, 1995. (série eventos)

PEQUENO, Róbson. (organizador) tecnologias digitais na educação. Campina Grande, EDUEPB, 2011

PLATÃO. A República. Tradução: J. Ginsburg. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1965.

PINTO, Álvaro Vieira. O conceito de tecnologia. Rio de Janeiro, Contraponto, 2005

PRENSKY, M. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001)

ROCHA, Ronai P. Ensino de filosofia e currículo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RODRIGO, Lidia M. Filosofia em sala de aula. Teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores associados, 2009. (Coleção formação de professores)

ROLLA, Aline B. M. **NETO**, Antonio S. **QUEIROZ**, Ivo Pereira de (org.) Filosofia e ensino: possibilidades e desafios. Ijuí, Ed. Unijuí, 2003.

ROUSSEAU, Jean J. Emilio ou da Educação. Tradução: Roberto Leal Ferreira, 3ª Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU. Jean J. Emilio ou da educação. Tra. Sergio Milliet 3ª edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995

SERRES, Michel. A polegarzinha. Tradução: Jorge Bastos. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2015

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana. Educação e Pesquisa. São Paulo: FEUSP, set/dez 2006, v. 32, n. 3. p. 619-634.

_____ A filosofia na formação do jovem e a resignificação de sua experiência existencial. In: KOHAN, Walter (org). Ensino de Filosofia: perspectivas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 183-194.

_____ A prática da pesquisa no ensino de filosofia. In MAAMARI, Adriana M. Novas tendências para o ensino de filosofia: o contexto da sala de aula e o âmbito da pesquisa. Curitiba, CRV, 2017

SILVEIRA, Renê T. **GOTO**, Roberto. Filosofia no ensino médio. Temas problemas e propostas. Campinas, SP: Edições Loyola, 2007.

SPENGLER, Oswald. A ciência e a técnica. Uma contribuição para a filosofia da vida. Tradução: Érico Veríssimo. Porto Alegre, Edições Meridiano, 1941.

THEOBALDO, Maria C. Questões filosóficas: primeira aproximação. Cuiabá, EdUFMT, 2016.

THOMPSON, John B. Mídia e modernidade; uma teoria social da mídia. Tradução: Wagner Oliveira Brandão. Revisão da tradução: Leonardo Avritzer, Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.

TOMAZETTI, Elizete M. **GALLINA**, Simone. (organizadores) Território da prática filosófica. Santa Maria, Editora da UFSM, 2009.

VOLTOLINI, Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca. Na palma da mão: a difusão de celulares e Smartphone e possibilidades para o ensino-aprendizagem no Brasil. Tese (doutorado em Comunicação Social) Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016.